



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



UNESCO Chair in Intangible Heritage
and Traditional Know-How: Linking Heritage
University of Évora

Roteiro de História da Língua Portuguesa

Ana Paula Banza & Maria Filomena Gonçalves



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



• UNESCO Chair in Intangible Heritage
• and Traditional Know-How: Linking Heritage
• University of Évora

Roteiro de História da Língua Portuguesa

Ana Paula Banza & Maria Filomena Gonçalves



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



UNESCO Chair in Intangible Heritage
and Traditional Know-How: Linking Heritage
University of Évora

Título

Roteiro de História da Língua Portuguesa

Autoras

Ana Paula Banza & Maria Filomena Gonçalves

Design e paginação

Cornelia Fischer

Data da Edição

Fevereiro 2018

Coleção

Monografias

ISBN

978-989-99442-6-8

© Cátedra UNESCO

Universidade de Évora. Largo dos Colegiais 2, 7000 Évora

As autoras são responsáveis pela escolha e apresentação dos pontos de vista contidos nesta publicação e pelas opiniões aqui expressas que não refletem necessariamente as da UNESCO e que não comprometem a Organização.

Esta obra é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto Ref: UID/HIS/00057/2013



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO
E FORMAÇÃO AVANÇADA

Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociologia da Universidade de Évora

CIDEHUS



Fundação para a Ciência e a Tecnologia



Governo da República Portuguesa



COMPETE

PROVINCIA CONDUCINDO A FACTORES DE COERÊNCIA



QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2007-2013



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

Índice

In limine	5
1. O tempo e a língua: aspectos teóricos e metodológicos das disciplinas diacrónicas	8
1.1 Mudança linguística e diacronia: problemas e métodos da linguística histórica e da história da língua.....	8
1.2 A periodização da história da língua portuguesa: propostas de periodização.....	14
2. A língua no tempo: história da língua	17
2.1. Antecedentes da formação histórica do português.....	17
2.1.1. Substratos.....	17
2.1.2. A romanização da Península Ibérica.....	19
2.1.3. Do “latim vulgar” aos romances peninsulares: fenómenos de mudança.....	21
2.1.4. Superstratos e adstratos: as invasões germânicas e as invasões árabes: situação linguística da Península no século VIII.....	24
2.2. Formação do português.....	29
2.2.1. A reconquista cristã e a constituição do espaço nacional da língua portuguesa.....	29
2.2.2. Os mais antigos textos escritos em galego-português.....	32
2.2.3. Caracterização linguística geral do português antigo: a separação do galego.....	35
2.3. Expansão, elaboração e consolidação do português.....	37
2.3.1. A expansão ultramarina dos sécs. XV e XVI e as suas repercussões na língua portuguesa.....	37
2.3.2. O português médio e a transição para o português clássico.....	39
2.3.3. Constituição de um corpus doutrinal vernáculo: os primeitos gramáticos, ortografistas e lexicógrafos.....	42
2.3.4. Caracterização linguística geral do português clássico.....	44
2.3.5. O português moderno: breve caracterização linguística.....	45
3. Bibliografia	48
3.1. Bibliografia geral.....	48
3.2. Textos de trabalho.....	78
3.2.1. Latim vulgar e romance moçárabe.....	78
3.2.2. Séculos XII/XIII–XIV.....	79
3.2.3. Séculos XIV/XV–XVII.....	81

3.2.4. Séc. XVIII.....	82
3.2.5. Séc. XIX.....	82
3.3. Corpora.....	83
3.4. Outros recursos on line.....	83
4. Anexos.....	85
4.1. Representação fonética dos sons do português.....	85
4.2. Evolução fonético-fonológica: alguns exemplos.....	87
4.3. Evolução morfo-sintáctica: alguns exemplos.....	90
4.4. Evolução léxico-semântica: alguns exemplos.....	92

In limine

1. A língua como património

Cada língua é uma realidade constituída colectivamente e é no seio de uma comunidade que se torna disponível para o uso individual, como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressividade criadora (Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, 1996, artº 7º, 1.).

As perspectivas tradicionais da documentação e avaliação das mudanças pelos quais passam as línguas centraram-se principalmente na linguística, ignorando as realidades socioeconómicas e os contextos políticos (Relatório Mundial da UNESCO, 2011).

We are beings of language. Cultures, ideas, feelings and even aspirations for a better world come to us first and foremost in a specific language, with specific words. These languages convey values and visions of the world that enrich humanity. Giving value to these languages opens up the range of possible futures, and strengthens the energy needed to achieve them (Irina Bokova, Director-General of UNESCO, on the occasion of International Mother Language Day, 21 February 2017).

É hoje ponto incontroverso que a língua tem um indiscutível valor patrimonial, constituindo um vector da identidade colectiva das comunidades, motivo por que a UNESCO, considerando a diversidade linguística como uma das riquezas da Humanidade, tem promovido diversas medidas de protecção e valorização das línguas em geral, em particular as ameaçadas ou minoritárias. Com efeito, desde 2003, a *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO* (Artigo 2, secção 2a) dispõe que, no âmbito desse património, além das “tradições e expressões orais”, se inclui “o idioma como veículo do património imaterial cultural”. Com efeito, a memória colectiva constrói-se e transmite-se por meio da língua (oral e escrita) e, do mesmo modo, é nela que se corporizam as mais diversas manifestações do conhecimento humano, do humanístico ao artístico, passando pelo técnico e científico. Mas se é certo que a língua é simultaneamente depositária e veículo da herança histórica e cultural dos povos, não é menos verdade que a língua é, ela própria, uma entidade histórica, sendo a sua história inalienável das comunidades. Nessa perspectiva, o caso da Língua Portuguesa é bastante exemplar, uma vez que a situação actual do Português no mundo apenas se poderá compreender

à luz do processo histórico que levou os portugueses até territórios mais ou menos longínquos do território original.

Assim, a história da língua portuguesa, enquanto património, interessará a um público alargado, incluindo estudantes de Linguística, mas também profissionais e investigadores de várias áreas – historiadores, sociólogos, antropólogos, jornalistas, profissionais das indústrias da cultura, cientistas de diversos domínios – e bem assim a quantos, simplesmente, tenham curiosidade a respeito da história de um dos idiomas mais falados no mundo. Este Roteiro foi, pois, concebido para responder às necessidades de um público alargado, ao qual, de maneira acessível mas rigorosa, se proporcionam os aspectos fundamentais da história do Português e do seu património textual.

A denominação – Roteiro – não é casual ou aleatória, pois traduz a importância da Expansão Ultramarina para a história da língua portuguesa. Com efeito, “roteiro” denomina a “descrição minuciosa de pontos e acidentes geográficos de regiões costeiras ou ilhas, com indicação de correntes, ventos, marés, faróis, cidades litorâneas, sugestão de rotas para cada época do ano etc., cujo conhecimento é necessário para se fazer uma viagem marítima” (Houaiss 2001). Em linha com o termo náutico, este Roteiro aponta percursos, indica etapas e salienta as principais mudanças da língua, possibilitando a posterior exploração autónoma de tópicos menos desenvolvidos ou daqueles que, em virtude da finalidade da obra, não foram contemplados.

2. A história da língua portuguesa

The Asuras, deprived of [correct] speech, saying he lavo, he lavah, were defeated. This is the unintelligible speech which they uttered at that time. Who speaks thus is a barbarian. Therefore a brahmin should not speak like a barbarian, for that is the speech of the Asuras.

Śatapathabrāhmaṇa 3.2.1.23-4 (*Apud* Hock 1986: 1)

Enquanto matéria científica e enquanto disciplina constante dos planos curriculares de formações académicas que envolvem componentes de língua e linguística portuguesas, a História da Língua Portuguesa tem como objecto a língua enquanto expressão cultural construída diacronicamente, lidando, por esse motivo, com o universo da mudança linguística enquanto construtora dos sistemas linguísticos e do sistema linguístico do português em particular.

Cabe, pois, à História da Língua fornecer um quadro da formação, e seus antecedentes, e da expansão, neste caso da língua portuguesa, bem como da sua elaboração e consolidação, sob diferentes variedades, que conduziram à sua forma e características

actuais. O Português é, assim, nesta disciplina, encarado como entidade historicamente construída, partindo das circunstâncias da sua formação no canto noroeste da Península Ibérica e acompanhando o seu desenvolvimento e expansão, primeiro para o Sul peninsular e, a partir do séc. XV, para o Sul ultramarino, com as inerentes consequências para a actual posição da língua portuguesa como uma das línguas mais faladas no mundo e verdadeiramente internacional, na medida em que, ao grande número de falantes, associa uma dispersão geográfica considerável.

A obra encontra-se organizada em três partes. Na primeira, abordam-se, de forma sumária, algumas das principais questões teóricas e metodológicas que se colocam às disciplinas ditas diacrónicas, nomeadamente à História da Língua, por se ocuparem da língua numa perspectiva histórica. Na segunda parte, apresentam-se e desenvolvem-se os principais tópicos da História da Língua Portuguesa, articulando a sua história externa com a sua história interna. A abordagem que procuraremos fazer à história do português organiza-se em três grandes pontos, que tomam como base, não a periodização mais tradicional mas, sim, os dois grandes ciclos evolutivos, de formação e expansão, delineados por Castro (2006: 74-78). O primeiro ponto aborda os antecedentes históricos da língua portuguesa; o segundo, o período da sua formação e o terceiro, o da sua expansão, elaboração e consolidação. Este último ponto foca essencialmente os séculos XVI a XVIII, opção que se prende, obviamente, com a importância do vulgarmente chamado “período clássico” na história da língua portuguesa, sendo certo que depois do século XVIII o português europeu já não sofreu alterações muito significativas. A terceira parte consiste numa bibliografia alargada, que, ainda que não exaustiva, procura ser suficientemente abrangente e actualizada.

Apesar do carácter assumidamente informativo e didáctico da obra, que, em função dos objectivos e público-alvo acima referidos, não tem pretensões de exaustividade ou problematização, o presente Roteiro para a História da Língua Portuguesa procura oferecer um quadro suficientemente abrangente do nascimento e evolução histórica da língua portuguesa, cujo aprofundamento poderá ser feito com recurso à bibliografia proposta.

Este trabalho não segue o novo Acordo Ortográfico de 1990.

1. O tempo e a língua: aspectos teóricos e metodológicos das disciplinas diacrónicas

da mudança que as línguas fazem per discurso de tempo: Assi como em todas as cousas humanas ha continua mudança & alteração, assi he tambem nas línguas.

Duarte Nunez de Lião
(*Origem da Língua Portuguesa*, 1606)

1.1 Mudança linguística e diacronia: problemas e métodos da linguística histórica e da história da língua

As línguas estão em permanente processo de mudança e todas as áreas da gramática podem mudar numa língua.

A Linguística Histórica – cujo objectivo é a descrição e estudo da mudança linguística – e a História da Língua – que aplica a uma língua concreta, neste caso à língua portuguesa, as teorias e métodos da Linguística Histórica, debruçando-se sobre os fenómenos de mudança ou permanência nessa língua, nos domínios fonético-fonológico, morfosintáctico, semântico e lexical – são as disciplinas que descrevem e estudam esse processo.

A mudança é propriedade universal das línguas naturais, na origem, quer da diferenciação linguística ao longo do tempo, quer da variação, pelo que, no caso em apreço, a situação do português actual só pode ser adequadamente compreendida conhecendo a sua origem e evolução.

Assim, enquanto instrumentos de comunicação, as línguas mudam naturalmente e em permanência, acompanhando a mudança das sociedades que as utilizam; e, por outro lado, a mudança afecta todas as partes da gramática: nos seus aspectos estruturais – em parte devido às reanálises que cada geração de falantes faz durante o processo de aquisição, em parte devido a outros factores, nomeadamente a factores fisiológicos ou outros, nem sempre fáceis de identificar – bem como também no domínio do léxico – onde a mudança decorre essencialmente do contacto linguístico ou de novas realidades e necessidades da comunidade falante. Por outro lado, se a mudança é uma propriedade inerente às línguas naturais, importa realçar que, ao contrário do que supunham os antigos gramáticos, os processos de mudança não conduzem propriamente, nem ao

“progresso”, nem, tão pouco, à “decadência” das línguas (Aitchison 1991), uma vez que conceber a mudança como “progresso” ou, inversamente, como “decadência” apenas faz sentido por referência a uma variedade normativa da língua, estática e supostamente “perfeita”.

Com efeito, a permanência da mudança tem consequências importantes na relação entre a norma – “norma-padrão (modelo ideal)” e “norma-culta (modelo real, usado pelas camadas mais escolarizadas da sociedade)” (Mateus e Cardeira 2007: 23 e ss.) – e as restantes variedades de uma língua. Muito próxima da norma-padrão no português europeu, a norma-culta, funciona como língua oficial, sendo ensinada nas escolas, usada pelos indivíduos mais escolarizados e difundida, hoje, essencialmente pelos meios de comunicação social, no que à norma oral diz respeito; sendo a norma escrita, tradicionalmente mais codificada e menos flexível, actualmente mais permeável a outros géneros que não o literário (os “bons autores”).

Coincidindo sobretudo com uma variedade social e cultural – a das classes cultas e com maior prestígio e poder – a norma coincide, regra geral, em simultâneo, com uma variedade geográfica – correspondendo, no caso do português, às “zonas urbanas do litoralcentro, aproximadamente entre Lisboa e Coimbra” (Raposo *et alii* 2013, I: XXV). No entanto, considerando-se as variedades dialectais actuais (Cintra 1983c) como resultado natural da mudança, fica claro que os factores que determinam a elevação de uma delas ao estatuto de “português-padrão, e também variedade (ou variante) culta do português” (*idem, ibidem*) não são naturalmente de natureza linguística; nem poderiam sê-lo, uma vez que, nesta perspectiva, todas as variedades têm exactamente o mesmo valor, sendo, de facto, tal distinção determinada por factores históricos, políticos, sociais e culturais, e não por factores linguísticos. O mesmo se passa, aliás, com as variedades diastráticas.

Por outro lado, estando as línguas em mudança permanente e apresentando diferentes factores de variação sincrónica, de natureza geográfica, social e individual, verifica-se que determinadas inovações consideradas não aceitáveis numa determinada sincronia desencadeiam frequentemente processos de mudança que, com grande probabilidade, após um período de coexistência entre a forma antiga e a inovação, conduzem a que as inovações se sobreponham às formas antigas e passem a integrar a norma, sendo, no entanto, também possível que regridam e não cheguem a impor-se.

Assim, não só a identificação da norma com uma determinada variedade diatópica e diastrática não tem fundamento linguístico, e, muito menos, corresponde a uma valoração qualitativa (correcta/incorrecta) desta variedade (uma vez que, numa perspectiva estritamente linguística, todas as variedades têm o mesmo valor) como, tão pouco,

tal variedade é, ela própria, homogénea e estável, mantendo, no entanto, uma função aglutinadora essencial enquanto factor de unidade na diversidade linguística, com reflexos positivos na coesão, estabilidade e identidade sociais.

No contexto específico da História da Língua Portuguesa, importa, pois, enfatizar que, não só a noção de norma não é qualitativa, como não é imutável, antes acompanha, naturalmente, a mudança linguística. Mais: em rigor, existem tantas normas quantas as variedades que sejam consideradas, muito embora nem todas as normas tenham o mesmo estatuto.

É, por isso, de extrema importância compreender as relações entre a norma e os instrumentos que a descrevem e fixam, por um lado, e a mudança e a variação, por outro, sendo certo que o equilíbrio entre a necessidade de um modelo, enquanto factor de unidade de uma língua, e os factores de diversidade representados pela mudança e pela variação só pode ser adequadamente compreendido com base no conhecimento e compreensão destes fenómenos.

Por outro lado, a Linguística Histórica e a História da Língua levantam, pela sua natureza, vários problemas, nomeadamente quanto aos métodos, conjecturais, nelas usados: a reconstrução, baseada em variedades modernas, e a exploração de fontes escritas, literárias e não literárias. Este último método, o mais produtivo, é também o que acarreta maiores problemas, devido à natureza das fontes, tornando-se necessário o recurso a disciplinas auxiliares da História e da Filologia que concorrem para o seu processo de tratamento filológico (paleografia¹, diplomática², codicologia³, bibliografia material⁴, crítica textual⁵).

Possuindo a maioria das línguas um modo de representação oral (ou gestual) e um modo de representação escrito, verifica-se que, na maior parte dos casos, o modo de representação escrito das línguas representa uma codificação do oral e, como tal, é secundário, pelo que os dados obtidos pela exploração de fontes escritas devem ser analisados com particular cautela.

¹ Estuda os diferentes sistemas e técnicas de escrita. Permite identificar diferentes mãos, datar documentos não datados, etc.

² Ocupa-se da descrição e classificação de diplomas (documentos soltos de carácter legal, político, económico, etc).

³ Estuda o códice ou livro manuscrito numa perspectiva material (confeção, arquitectura interna, materiais de escrita e de suporte, etc).

⁴ É o equivalente para o livro impresso da Codicologia. Cf. nota 3.

⁵ Partindo das disciplinas anteriores (cf. notas 1-4), procura descobrir as relações genealógicas existentes entre os vários manuscritos ou impressos de um mesmo texto procurando publicá-lo na forma mais próxima da que teria tido na sua origem.

No entanto, a Linguística Histórica e a História da Língua, enquanto disciplinas diacrónicas, lidam com a inevitabilidade do uso de fontes escritas. Tal condicionalismo – sobretudo desde que, no início do séc. XX, com a dicotomia saussureana língua/fala, se estabeleceu o primado do oral sobre o escrito, passando a considerar-se o primeiro o objecto privilegiado da descrição linguística – tem sido visto como uma limitação, inclusive pelos próprios linguistas históricos.

Depois do séc. XIX, inteiramente dominado pela Linguística Histórica, a dicotomia saussureana língua/fala veio abrir caminho a novos rumos de investigação linguística que tomam o oral com o objecto. Não poderia, aliás, ter sido de outro modo, uma vez que a nova linguística, sincrónica e descritiva, dispunha desse tipo de fonte, que, naturalmente, quando disponível, é a fonte ideal, uma vez que não restam dúvidas em relação à natureza primária, dinâmica e não regulamentável deste modo de representação das línguas face ao carácter secundário, estático e regulamentável da escrita.

É importante ter em conta que a língua que a criança adquire, sem necessidade de ensino explícito, é a falada, que, além disso, é comum a todas as comunidades humanas, enquanto a escrita não é naturalmente adquirida, necessita de ensino activo e não existe em todas as línguas, verificando-se também que, na história dos sistemas de escrita, além de recente, nem sempre a escrita existiu como representação do oral (os sistemas pictográficos e ideográficos dos Sumérios e dos Egípcios, por exemplo, não tinham qualquer relação com a língua falada).

Por outro lado, a língua falada está constantemente sujeita à mudança e não é passível de alteração por decreto, sendo sempre os falantes quem determina a mudança; já a escrita, independentemente das mudanças na oralidade, perdura enquanto as instituições que, em cada comunidade, têm o poder de legislar nestas questões o entenderem e, além disso, pode ser alterada por decreto, como acontece, por exemplo, nos acordos e reformas ortográficos (veja-se o Acordo Ortográfico de 1990).

Não restam, pois, dúvidas de que a Linguística sincrónica tem o privilégio de ter à sua disposição os melhores dados; já a Linguística diacrónica convive com a inevitabilidade do uso de “maus dados”, como bem reconheceu Labov quando definiu a Linguística Histórica como “a arte de fazer o melhor uso de maus dados” (Labov 1994: 11) ou, mais recentemente, Rosa Virgínia Mattos e Silva (2008), quando subintitulou a sua obra, sobre os caminhos da Linguística Histórica, “ouvir o inaudível”.

Assim, a natureza das disciplinas diacrónicas e a consequente necessidade de usar documentação escrita como fonte exigem, antes de mais, a consciência da relação que, nos sistemas de escrita modernos, em geral, e nos sistemas alfabéticos, em particular,

se estabelece entre estes dois modos de representação das línguas, relacionados, mas com princípios de funcionamento distintos.

É certo que a exploração de fontes escritas não é o único método (conjectural) usado quando se estudam estados passados de uma língua. A reconstrução, com base na comparação entre variedades modernas geneticamente derivadas daquela que é objecto de estudo, é igualmente um método importante nos estudos diacrónicos, sendo, neste caso, possível o recurso ao oral como fonte. No entanto, o uso de fontes escritas, primárias e, a partir do séc. XVI, também não primárias, é, sem dúvida, da maior importância, colocando-se, neste caso, dois tipos de problemas: por um lado, os decorrentes do carácter secundário do escrito face ao oral, que transcreve de forma muito imperfeita, verificando-se uma correspondência não biunívoca entre grafema e som e entre os acentos e sinais de pontuação e os aspectos prosódicos que transcrevem, nomeadamente, acento fónico, pausas e entoação; por outro, os problemas de tratamento e disponibilização de fontes escritas.

Assim, o primeiro dos problemas apontados prende-se com a análise das fontes, que tem necessariamente de ter por base um conhecimento sólido das características e relacionamento dos modos de representação oral e escrito da língua. Não restam dúvidas de que o texto, produto escrito (logo, uma codificação secundária do oral) de um escritor concreto, num determinado estilo, numa dada situação e num determinado momento, isto é, num determinado contexto, não pode ser encarado como documento com valor absoluto de um estado pretérito da língua, pelo menos no que à oralidade diz respeito. No entanto, ainda que de forma não absoluta e obrigando, por isso, a um extremo cuidado na sua interpretação, a documentação escrita fornece informação relevante sobre a língua oral e também sobre a língua escrita da época em que foi redigida, como reconhece Clarinda Maia, a propósito dos documentos notariais por ela estudados (Maia, 1986: 950):

[...] embora os documentos notariais de carácter particular não sejam um espelho fiel, uma reprodução da linguagem local, eles deixam transparecer certos factos da linguagem falada da época. Uma interpretação crítica desses documentos [...] permitiu compreender a verdadeira natureza da língua escrita dos documentos não literários da Idade Média e manifestou ser impossível uma plena reconstrução dos estados pretéritos da língua. Tratando-se de uma linguagem escrita, e além disso, de carácter bastante artificial, a linguagem desses documentos medievais nunca reflecte fielmente a linguagem falada da época e da região a que se referem; apesar

disso, pode considerar-se extraordinariamente importante o seu contributo para o conhecimento da língua durante o período medieval.

Por este motivo, assume particular relevância para quem estuda a história de uma língua o contacto com as fontes (em reprodução fotográfica, edição convencional ou *on line*) e o exercício de reconhecimento das características e relações particulares entre oral e escrito que se estabelecem em cada texto, bem como das limitações e consequentes cautelas a ter na interpretação dos dados por eles fornecidos.

O segundo problema é prévio e prende-se com a disponibilização e tratamento das fontes escritas usadas pelo linguista histórico e pelo historiador da língua. Dependendo os estudos diacrónicos, em grande parte, deste tipo de fontes, é de particular relevância que estas sejam tão abundantes quanto possível e que, após a necessária “filtragem filológica” (Castro 2006: 82), sejam disponibilizadas a um público, não necessariamente apenas de investigadores, tão vasto quanto possível, em versão papel ou, cada vez mais, em versão electrónica, utilizáveis pelos linguistas.

Efectivamente, as virtualidades dos meios electrónicos vieram revolucionar também o domínio da disponibilização e tratamento de fontes escritas, permitindo, não apenas o acesso fácil e generalizado, mas também diversas possibilidades de manipulação e conversão do texto em vários formatos e diversas funcionalidades de pesquisa. São hoje possíveis “edições dinâmicas” que, além da imagem do original, apresentam uma edição diplomática, e eventualmente também uma edição modernizadora, dos textos, assim como uma série de funcionalidades de pesquisa. Ainda assim, na era digital, disponibilizar, em meio electrónico, fontes dotadas de valor (meta) linguístico é tarefa que continua a não dispensar uma série de operações filológicas mais tradicionais, bem como o recurso a disciplinas como a paleografia, a codicologia, a bibliografia material e a crítica textual.

Em 1986, Ivo Castro considerava que a Linguística Histórica em Portugal tinha um século de atraso e padecia da “falta de continuidade do trabalho de cabouqueiro e da irregularidade da publicação das fontes, do desastre que foi nunca se ter implantado entre nós uma crítica textual profissionalizada, do muito trabalho de campo e de arquivo que ainda é preciso fazer [...]”. Por este motivo, concluía que “A nossa geração deverá gastar-se ainda em monografias. O tempo das sínteses e dos manuais virá depois” (Castro 1986: 16).

Em 2003, porém, António Emiliano transmitia já uma visão bem mais optimista sobre este estado de coisas (Emiliano 2003c: 310):

I think it is reasonable to say that this first decade of a new century, whatwith (sic) the research undertaken by both Castro's generation and an ensuing new generation of scholars the past 15 years, the time for general overviews ("sínteses") of the medieval period of the History of the Portuguese Language seems indeed to be steadily and unfailingly approaching.

Na verdade, muito foi feito nos últimos vinte e cinco anos em matéria de descoberta, disponibilização e tratamento de fontes e o tempo provou que Emiliano estava certo ao prever que estavam a ser criadas as condições para que pudesse chegar "o tempo das sínteses". No entanto, e apesar do muito e importante trabalho desenvolvido neste domínio, muito há ainda a fazer, em particular para os textos posteriores ao período medieval e, em muitos aspectos, as palavras "pessimistas" de Ivo Castro, em 1986, mantêm-se actuais.

1.2 A periodização da história da língua portuguesa: propostas de periodização

Ao longo do século XX, várias foram as propostas de periodização da língua portuguesa, considerando-se, hoje, já clássicas as Leite de Vasconcelos, Serafim da Silva Neto, Pilar Vázquez Cuesta e Lindley Cintra.

Época	Leite de Vasconcelos	Serafim Silva Neto	Pilar Vquez. Cuesta	Lindley Cintra
até s. IX (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até 1200 (1214-1216)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385-1420	português arcaico	trovadoresco	gal.-português	port. antigo
até 1536-1550		port. comum	port. pré-cláss.	port. médio
até séc. XVIII	português moderno	port. moderno	port. clássico	port. clássico
até séc. XIX-XX			port. moderno	port. moderno

Figura 1 - Propostas de periodização da língua portuguesa (reproduzido de Castro 2006: 73)

No entanto, a terminologia e as balizas cronológicas adoptadas⁶ nestas propostas revelam, pela diversidade e vagueza visíveis no seu confronto, que, apesar das achegas muito significativas que, nos últimos anos, autores como Castro (2006) e Cardeira (2005) trouxeram a esta questão, a periodização da História da Língua Portuguesa permanece em aberto, porquanto, ainda que útil, qualquer periodização é sempre uma abstracção.

Das propostas mais antigas, faz-se normalmente uso das designações e balizas propostas por Lindley Cintra, nomeadamente, as de português antigo (dos primeiros textos, nos sécs. XII/XIII, à mudança de dinastia e todas as convulsões, políticas, militares, económicas e sociais que lhe estão associadas, no séc. XIV), médio (do séc. XIV/XV até ao aparecimento da primeira gramática, no séc. XVI), clássico (do aparecimento da primeira gramática, no séc. XVI, até às grandes convulsões políticas, económicas e sociais do séc. XVIII) e moderno (depois do séc. XVIII).

A diversidade e a vaguidade das balizas, comuns a todas as propostas, são, como acima se referiu, eloquentes, pelo que importa salientar as virtualidades da proposta de Castro (2006: 74ss) – que não constitui uma nova proposta de periodização, mas antes uma abordagem diferente desta questão – de uma divisão em dois grandes ciclos, correspondentes aos dois grandes movimentos da língua: formação (sécs. IX-XV) e expansão (XV-XVI), aos quais se seguiu um processo de elaboração e consolidação.

Também a contribuição de Cardeira (2005) é relevante para esta questão, no que respeita à redefinição do estatuto tradicional do português médio, doravante encarado como uma fase decisiva na evolução da língua portuguesa e não como uma mera fase de transição. As visões tradicionais sobre este período da história da língua portuguesa, representadas por autores como Castro (1991), Maia (1995) ou Bechara (1991), têm em comum a consideração do português médio como um longo período de transição, que se estenderia da segunda metade do séc. XIV à primeira metade do séc. XVI, seguindo a periodização tradicional de Cintra, e que se caracterizaria pela coexistência de traços conservadores e de traços inovadores. Por oposição a estas, a visão de Cardeira, por um lado, confere uma nova importância ao português médio e, por outro, altera as balizas cronológicas tradicionalmente estabelecidas para este período. Assim, ao considerá-lo uma fase “crítica”, durante a qual se resolvem vários processos evolutivos decisivos na feição futura da língua portuguesa, altera-lhe o estatuto, de uma mera fase de transição para uma fase plena, idêntica em relevância às restantes; por outro lado, ao considerar que o português médio é, na verdade, um período extremamente curto, abarcando apenas a primeira metade do séc. XV, que abre o ciclo da expansão da língua, altera-lhe profundamente as balizas cronológicas, tornando-se relevante a distinção

⁶ Deve-se a Dieter Messner (1994) uma proposta de periodização baseada em dados linguísticos.

entre o português médio propriamente dito e as duas “franjas de separação” (Cardeira 2005) que o antecedem e seguem: a primeira coincidindo com a segunda metade do séc. XIV, em que o português se separa definitivamente do galego e estão já em marcha os processos evolutivos que culminarão no português médio; a segunda abrangendo a segunda metade do séc. XV, esta sim uma fase de transição para o português clássico, em que os referidos processos se estabilizam.

Referências bibliográficas:

BECHARA 1991; BORGES *et alii* 2012; BYNON 1977; CAMBRAIA 2005; CARDEIRA 2005; CASTRO 2006, 1995b, 1991; CEIA 2010 (www.edtl.com.pt); DUARTE 1997; HOCK 1996, 1986; MAIA 1999, 1986; MARQUILHAS 2010 (www.edtl.com.pt), 1996; MATEUS 2005; MATEUS e CARDEIRA 2007; ORDUNA 2005; PÉREZ PRIEGO 1997; PONS RODRIGUEZ 2006; SPAGGIARI & PERUGI 2004.

2. A língua no tempo: história da língua

A língua é uma instituição cujas modificações se ligam indissolavelmente à história da comunidade que a emprega.

(Serafim da Silva Neto, *História da Língua Portuguesa*, 6^o1992: 54)

2.1. Antecedentes da formação histórica do português

2.1.1. Substratos

A formação histórica do português tem como antecedente um longo processo de diferenciação do latim que conduziria à formação dos romances peninsulares e à formação do galego-português, em particular. Tal processo, porém, tem, ele próprio, antecedentes que importa considerar, na medida em que, antes de se falar Latim na Península Ibérica, aí se falavam muitas outras línguas que poderão ter influenciado, em maior ou menor grau, o Latim e, conseqüentemente, as novas línguas que a partir dele se viriam a formar.

À chegada dos Romanos, o mapa linguístico da Península Ibérica apresentava efectivamente uma grande complexidade, motivada pelos muitos e diferentes povos e línguas que para aí tinham convergido ao longo dos séculos, provenientes do Norte, através dos Pirinéus, do Cáucaso e de outras zonas da Europa (proto-bascos, celtas) ou do Sul, através das costas meridionais, do norte de África e do próximo Oriente (tartéssios, iberos, fenícios).

Na situação de contacto linguístico que então se criou, as línguas pré-romanas da Península terão seguramente influenciado o latim desta região do Império, o que configura um fenómeno que tem sido designado como Substrato, entendendo-se como tal o nome que se dá à língua (e/ou às suas características remanescentes) de um povo que é abandonada, neste caso as línguas que existiam na Península à chegada dos romanos, em proveito de outra, neste caso o Latim, que a ela se impõe, geralmente como conseqüência de uma conquista política, como foi, aqui, o caso, assumindo, no entanto, como resultado do contacto linguístico, algumas das suas características (Câmara 1975).

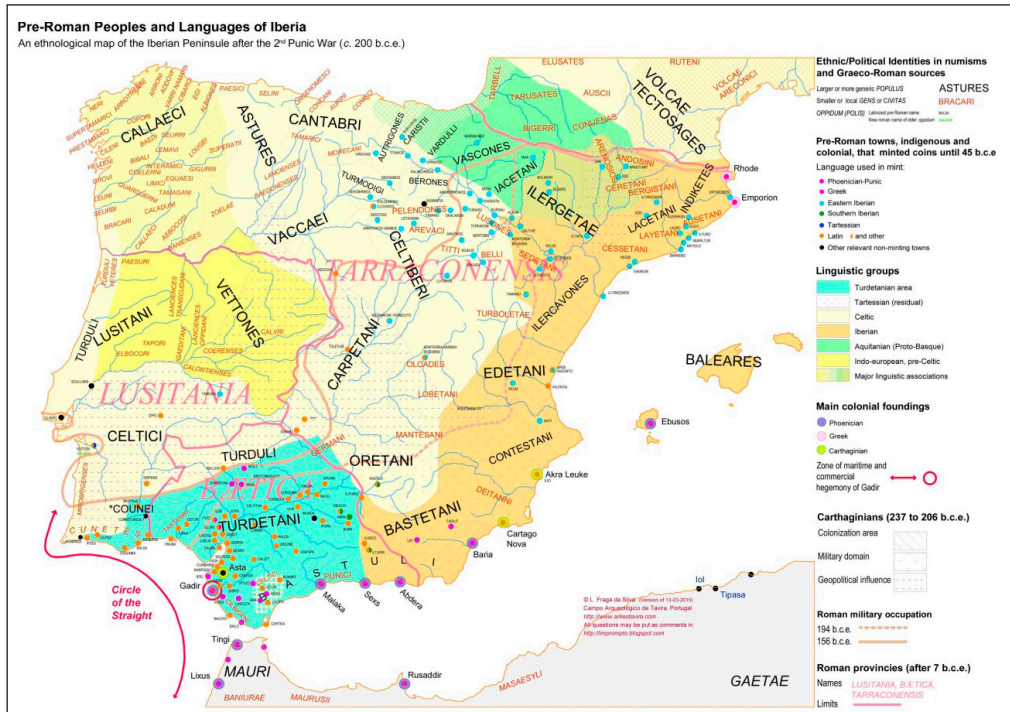


Figura 2: Povos pré-romanos e línguas da Ibéria c. 200 a.C.

Disponível em: <http://www.arkeotavira.com/Mapas/Iberia/Populi.htm>

As fontes que atestam, hoje, as possíveis influências de substrato no latim da Península Ibérica, ainda que muito escassas, são diversificadas:

- inscrições;
- topónimos;
- antropónimos;
- vestígios arqueológicos;
- notícias históricas.

As influências identificadas a partir deste tipo de fontes são visíveis essencialmente:

- no léxico comum, como é o caso de ‘chaparro’, atribuído ao substrato ibero;
- e em topónimos, como ‘Conimbriga’, atribuído ao substrato celta.

No entanto, as chamadas “teses” de substrato – que explicam a individualização do português como consequência do contacto do latim com línguas pré-romanas (cf., a título de exemplo, as teses clássicas de Baldinger, 1972, Cap.7) – colocam actualmente

muitas dúvidas, o que se justifica, no essencial, pela insuficiência de dados que permitam uma adequada caracterização das línguas pré-romanas da Península e das condições específicas do seu contacto com o latim.

2.1.2. A romanização da Península Ibérica

A romanização da Península Ibérica – entendida como um processo de aculturação das populações anexadas por Roma durante a sua expansão – tem como marco inicial a ocupação de Tarragona, em 218 a.C., um dos episódios da segunda Guerra Púnica. A esta cronologia tem sido atribuído o carácter conservador do Latim hispânico (o Latim transportado para a PI foi ainda o Latim arcaico de Plauto ou Terêncio – até ao séc. I a.c.).

A Hispânia Citerior (197 a.C.), depois Tarraconense (27 a.C.) e finalmente dividida em Gallaecia, Tarraconense e Cartaginense (284 d.C.) (cf. figuras 3, 4 e 5), como primeiro ponto de entrada dos romanos (pelo nordeste, via Pirinéus), foi palco de um povoamento menos culto, dominado por legionários, colonos, mercadores, falantes de um latim menos cuidado e mais inovador.

Já a Hispânia Ulterior (197 a.C.), depois dividida em Lusitânia e Bética (27 a.C.) (cf. figuras 3, 4 e 5), povoada mais tardiamente (via sul), foi palco de um povoamento mais culto, com um latim mais cuidado e conservador.



Figura 3: Primeira divisão administrativa da Espanha romana (197a.c.).

Disponível em:

<http://cmapspublic3.ihmc.us/rid=1LS6HMSSY-1QQYRX-QY/Divisi%C3%B3n%20de%20Hispania%20en%20%20provincias.jpg>



Figura 4: Segunda divisão administrativa da Espanha romana (27a.c.).

Disponível em: http://www.wikiwand.com/es/Organizaci%C3%B3n_pol%C3%ADtica_de_Hispania



Figura 5: Terceira divisão administrativa da Espanha romana (284d.c.)

Disponível em: http://www.wikiwand.com/es/Organizaci%C3%B3n_pol%C3%ADtica_de_Hispania

A imposição do latim pode ser considerada como o aspecto central do processo de romanização na Península, estando na origem das actuais línguas ibéricas. Assim, partindo da afirmação de Castro (2006: 47) de que “A história do português começa como um capítulo da história do latim”, importa definir o conceito de latim vulgar, distinguindo-o do latim literário. É este um conceito controverso. No entanto,

assumiremos aqui a definição de Herman (1975): “Língua falada pelas camadas pouco influenciadas ou não influenciadas pelo ensino escolar e pelos modelos literários”.

Tratando-se de uma variedade (ou um conjunto de variedades) oral e bastante heterogênea, as fontes para o seu estudo são, naturalmente, escassas:

- *Appendix Probi*;
- obras gramaticais;
- inscrições monumentais e graffiti, como os de Pompeios (79 d.C.);
- cartas pessoais;
- obras técnicas (tratados de culinária, de arquitectura);
- obras literárias onde se retrata o falar das classes baixas.

Ainda assim, é a partir destas atestações, fruto de mãos pouco expertas na escrita ou de registos deliberados da fala das classes mais populares e menos escolarizadas, que é possível, hoje, ter uma ideia do que seria o latim falado que está na origem do português e das restantes línguas românicas.

2.1.3. Do “latim vulgar” aos romances⁷ peninsulares: fenómenos de mudança

Este latim, a que se tem chamado “vulgar”, está na origem, não apenas do português, mas de um grupo alargado de línguas que, além do português, integra também o castelhano, o francês, o galego, o catalão, o italiano, o provençal e o romeno, as línguas ditas românicas, neo-latinas ou novi-latinas. Estas línguas resultam de um processo que implica, em simultâneo, continuidade e diversificação em relação ao latim que lhes está na origem.

Enquadrar o processo de diferenciação do português no contexto românico implica, pois, em primeiro lugar, referir as principais mudanças linguísticas sofridas pela língua latina que estão na base dos sistemas românicos em geral, os chamados fenómenos pan-românicos, e do sistema português em particular, individualizando-o face aos restantes e particularmente face aos restantes romances ibéricos.

Assim, começando pelos fenómenos de natureza fonético-fonológica, destacam-se os seguintes:

- Apócope da marca de acusativo, no sistema nominal (ex. REGINA[m] > REGINA);

⁷ Línguas românicas em processo de formação.

- Apócope da marca de terceira pessoa do singular do presente do indicativo, no sistema verbal (ex. AMA[t] > AMA);
- Apócope de [e] precedido de consoante líquida ou nasal que possa fechar sílaba (ex. ANIMAL[e] > ANIMAL; AMAR[e] > AMAR; PAN[e] > PAN);
- Consonantização de vogais em hiato (ex. [i]USTUS > [j]USTUS > [dʒ]USTUS > [ʒ]USTUS; [u]INEA > [w]INEA; [β]INEA > [v]INEA);
- Prótese de [e] em grupos consonânticos iniciais (ex. [sp]ECULU > [esp]ECULU);
- Assimilação nos grupos consonânticos: RS > SS > S; PS > SS > S; NS > SS > S e MN > NN > N (ex. PE[rs]ONA > PE[ss]ONA > PE[s]ONA; I[ps]U > I[ss]U > I[s]U; ME[ns]A > ME[ss]A > ME[s]A; *DO[mn]US > *DO[n]US > *DO[n]US);
- Semivocalização de vogais em hiato (ex. PAL[e]A > PAL[j]A);
- Palatalização nos grupos:
 - Tj, Kj; Ke,i em [tj] > [ts] > [s] (ex. FA[ki]O > FA[kj]O > FA[tj]O > FA[tʃ]O > FA[ts]O > FA[s]O);
 - Dj, Gj; Ge,i em [dʒ] > [ʒ] (ex. [g]ENTE > [dʒ]ENTE > [ʒ]ENTE);
 - Lj em [ʎ] (ex. FI[li]U > FI[lj]U > FI[ʎ]U > FI[ʎ]U);
 - Nj em [ɲ] (ex. SE[ni]ORE > SE[nj]ORE > SE[ɲ]ORE > SE[ɲ]ORE);
- Generalização do acento de intensidade e evolução do vocalismo tónico de um sistema com três graus de abertura e duas séries, uma breve e uma longa, para o sistema romance, com quatro graus de abertura e sem distinção de quantidade (Ī > /i/; Ī, Ē > /e/; Ē > /ɛ/; Ā, Ă > /a/; Ō > /ɔ/; Ō, Ū > /o/; Ū > /u/).
- Monotongação dos ditongos AE e OE (ex. C[aj]CU > C[ɛ]go; P[oj]NA > p[e]na).
- Síncopa da vogal pós-tónica dos proparoxítonos latinos (ex. OC[u]LU > OCLU);
- Fricatização e síncopa das consoantes oclusivas sonoras intervocálicas (ex. CRE[d]O > CRE[ð]O > CREO);
- Sonorização das consoantes oclusivas surdas intervocálicas (ex. FO[k]US > FO[g]US);
- Simplificação das consoantes oclusivas duplas intervocálicas (ex. GU[tt]A > GU[t]A).

- Semivocalização do primeiro elemento em grupos consonânticos (ex. NO[kt]E > NO[jt]E);

Dos fenómenos abordados, merecem particular destaque dois, que se considera marcarem o início do ciclo de formação da língua portuguesa, por constituírem inovações específicas do território inicial da *Gallaecia Magna* e que, doravante, a par de traços conservadores como a manutenção sem ditongação de Ę e Ő tónicos latinos (ex. t[ɛ]rra, pt. / t[jɛ]rra, esp.; f[ɔ]rte, pt. / f[wɛ]rte, esp.), individualizarão esta variedade linguística, o galego-português, face às outras línguas românicas e, em particular, face às restantes variedades peninsulares, com destaque para o castelhano:

- Evolução dos grupos consonânticos PL, CL e FL para [tʃ] (ex. [pl]UVIA > [tʃ]UVIA >; [kl]AVIS > [tʃ]AVIS; [fl]AMA > [tʃ]AMA;
- Síncope de L e N em posição intervocálica (ex. MALU > M[au] ; TENER > T[ee]R).

No que respeita aos aspectos de natureza morfo-sintáctica, destacam-se essencialmente o desaparecimento do género neutro, das declinações e dos casos latinos e as suas consequências na formação dos sistemas românicos e, de uma maneira geral, a transformação da gramática sintética do latim (que usava as desinências casuais, a par das preposições, como marcadores de função sintáctica) na gramática analítica das línguas românicas (que, além das preposições, em maior número, passa a usar a posição das palavras na frase como marcador de função sintáctica):

Pouco restou das declinações do latim clássico em latim vulgar. A quarta e a quinta declinações, o género neutro e todos os casos, salvo o nominativo e o acusativo, desapareceram. Com a desaparecimento do nominativo em português, a distinção casual terminou. Apenas a flexão de número permaneceu.

A forma oriunda do acusativo latino passou a exercer a função de sujeito, de objecto de um verbo e de objecto de uma preposição.

(Williams 1991: 123).

Assim, quanto aos géneros, desapareceu o neutro, restando apenas o masculino e o feminino. Ex. *castellum* > castelo.

No que respeita ao sistema de declinações, das 5 existentes no Latim:

- A 1ª deu no português palavras em -a, geralmente femininas. Ex. Rosa.

- A 2ª fundiu-se com a 4ª e deram no português palavras em -o, geralmente masculinas. Ex. dono, mão.
- A 3ª fundiu-se com a 5ª e deram no português palavras, geralmente em -e e em consoante, femininas ou masculinas. Ex. árvore, cônsul, orador.

Os casos latinos fundiram-se também, primeiro em dois, nominativo e acusativo, e, depois, apenas no acusativo, salvo raras exceções:

- Nominativo: **Rosa** est pulchra – A **rosa** é bela.
- Vocativo: **Rosa**, pulchra es – **Rosa**, és bela.
- Genitivo: **Rosae** odor – O odor da **rosa**.
- Acusativo: **Rosam/as** amo – Amo a/s **rosa/s**.
- Dativo: **Rosae** pluvia nocet – A chuva faz mal à **rosa**.
- Ablativo: **Rosa** puella se ornat – A menina enfeitava-se com a **rosa**.

De uma maneira geral, a gramática sintética do Latim deu origem a uma gramática analítica, como é visível em casos como:

- Comparativo: ex. **certior** > *certior quam* > *magis certus quam* / **mais certo que**.
- 3- Superlativo: ex. **eruditissimus** > *magis eruditus* / **o mais erudito**.
- Passiva: ex. **amantur** > *ser flex.* + part. pass. de *amar flex* – ex. **Ser amado**.
- Futuro: ex. **amabo, is...** > *amar (inf.)* + pres. do indic. de *haver flex.* – ex. **Amar+ei** > **Amarei**.

2.1.4. Superstratos e adstratos: as invasões germânicas e as invasões árabes: situação linguística da Península no século VIII

Além das características do latim “vulgar” na base da formação das línguas românicas, importa também considerar as influências de superstrato e de adstrato. No caso das influências de superstrato – entendendo-se por tal a língua de um povo conquistador, que a abandona para adoptar a língua do povo vencido (Câmara 1975) – estão em causa apenas as línguas germânicas dos Suevos, chegados à Península em 411, e dos Visigodos, que assumiram o poder a partir de 574, povos germânicos que, tendo derrotado política e militarmente os romanos, adoptaram a sua língua.

No que respeita ao papel dos Suevos, irrelevante ao nível da influência da sua língua sobre o português, merece destaque o papel decisivo que tiveram – ao isolar o canto noroeste da Península, correspondente, *grosso modo*, à *Gallaecia Magna* – na diferenciação

das línguas ibero-românicas ocidentais e do galego-português em particular, criando as condições adequadas ao desenvolvimento de características próprias nesta região.



Figura 6 - Reino dos Suevos em 476

Disponível em: https://www.google.co.in/search?site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=957&bih=496&q=reino+dos+suevos&og=reino+dos+suevos&gs_l=img.3.0i24k1.6504.10360.0.10916.16.12.0.4.4.0.127.689.8j4.12.0....0...1ac.1.64.img.0.16.718...0j0i30k1j0i5i30k1V93UTU_GZDM#imgrc=mg2c8ODAEF33YM%3A



Figura 7 - Reino dos Suevos até 584.

Disponível em: https://www.google.co.in/search?site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=957&bih=496&q=reino+dos+suevos&og=reino+dos+suevos&gs_l=img.3.0i24k1.6504.10360.0.10916.16.12.0.4.4.0.127.689.8j4.12.0....0...1ac.1.64.img.0.16.718...0j0i30k1j0i5i30k1V93UTU_GZDM#imgrc=x22oyWVO1F_ftM:

No caso dos Visigodos, que, depois das conquistas de Leovigildo, dominaram a Península na sua quase totalidade, destacam-se, em concreto, as influências ao nível do léxico (Piel 1989; Meier 1961). Importa, no entanto, ter em conta as diferenças entre os germanismos incorporados pelo latim ao longo da sua história e trazidos para a Península (ex. *carpa*, *coifa*), os visigotismos (toponímia, antroponímia e léxico comum), incorporados no período de domínio visigodo (ex. *Guimarães*, *Sendim*, *Álvaro*, *Fernando*, *bando*, *espia*) e elementos germânicos integrados mais tardiamente, já no português, através do francês (ex. *jardim*, *trégua*).



Figura 8: Reino Visigótico em 586, depois das conquistas de Leovigildo.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_Visig%C3%B3tico#/media/File:Iberia_586-pt.svg

No caso das influências de adstrato – entendendo-se por tal toda a língua que vigora ao lado de outra (bilinguismo), num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos (Câmara 1975) – importa considerar o Árabe, no contexto do movimento expansionista muçulmano iniciado a partir da morte do profeta Maomé, em 632.



Figura 9 - Expansão muçulmana.

Disponível em: <https://www.google.co.in/search?site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=9576&bih=4966>

q=invas%C3%A3o+%C3%A1rabe+na+Pen%C3%ADnsula+lb%C3%A9rica&og=invas%C3%A3o+%C3%A1rabe+na+Pen%C3%ADnsula+lb%C3%A9rica&gs_l=img.3...1911.24574.0.24790.59.10.12.37.47.0.130.1120.0j10.10.0...0...1ac.1.64.img..0.22.1246..0j0i30k1j0i24k1E8PKqTsjGCO#imgrc=P-FO-E8cBIMSJM%3A

Nos sécs. V-VII a língua falada na Península era ainda uma variedade de latim oral, muito pouco influenciado pelos superstratos germânicos. Este latim encontrava-se compartimentado linguisticamente: mais inovador na região da Tarraconense (formação de um romance setentrional); mais conservador nas regiões da Lusitânia e da Bética (formação de um romance meridional).

Assim, à chegada dos Árabes, no início do século VIII (711 d.c.), a Península Ibérica encontrava-se politicamente unificada sob o domínio visigodo, mas linguisticamente dividida em dois romances, setentrional e meridional, herdeiros da antiga divisão entre o latim meridional, mais conservador, e o latim setentrional, mais aberto a inovações. No norte da Península, o romance setentrional começava a fragmentar-se nos vários romances peninsulares, podendo prever-se que, no sul, o quadro fosse semelhante.

As invasões árabes alteraram significativamente este quadro, no domínio político-social e no domínio linguístico, tendo desempenhado um papel determinante na obliteração das eventuais variedades que estivessem a surgir no sul.

No domínio muçulmano no sul, *al-Andalus*, passaram a conviver vários grupos sociais em tudo diferentes entre si: *baladiyyim* (árabes), mouros (bereberes arabizados), *muwalladim* (hispano-godos convertidos ao islamismo), moçárabes (hispano-godos submetidos mas não assimilados) e judeus (comunidade hebraica, submetida mas não assimilada), enquanto no norte permaneciam as populações hispano-godas primitivas da região setentrional.

Esta situação veio acentuar ainda mais a diferença norte/sul, daí resultando um mapa compartimentado a norte, onde o domínio árabe não chegou, e unificado sob o domínio político árabe a sul, desconhecendo-se hoje totalmente as eventuais divisões que seguramente existiriam no grande e certamente complexo bloco linguístico conhecido por romance moçárabe.

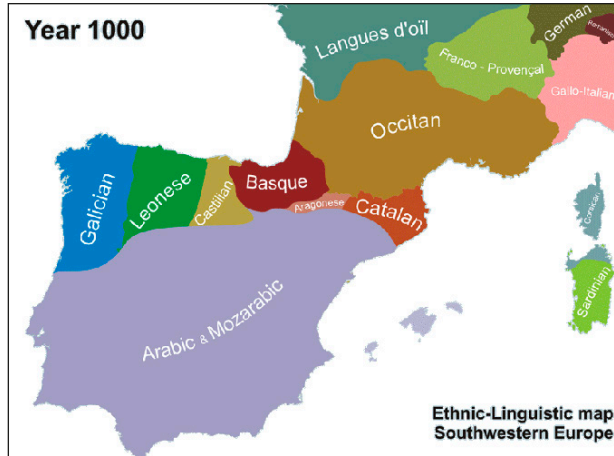


Figura 10: Situação linguística da Península Ibérica c. do ano 1000.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=A8Ceppm5aE>.

Entende-se por romance moçárabe o conjunto das línguas romances, interferidas pelo árabe, das populações hispano-godas ou hispanoromanas não convertidas que permaneceram no sul ocupado. Dele sabemos hoje muito pouco. No entanto, as escassas fontes que permitem o seu estudo:

- *hardjas*⁸;
- toponímia (ex. Mértola);
- formas dialectais actuais (ex. canito, nos dialectos do centro interior e sul),

permitem salientar como principal característica deste romance o carácter fortemente conservador, manifesto:

- na preservação de -T final, sonorizado, nas formas verbais de terceira pessoa singular (ex. garid);
- na preservação de -E final depois de consoante líquida (ex. male);

⁸ Fragmentos curtos em dialecto românico que serviam de remate a composições poéticas em árabe, as *muwashshah*.

- na não sonorização das surdas intervocálicas (ex. boyata);
- na preservação de PL- inicial (ex. plantain);
- na preservação de -L- e -N- intervocálicos (ex. volarei, contener),

As influências linguísticas do árabe são sensíveis, também neste caso, essencialmente ao nível do léxico (Piel 1989).

O quadro linguístico da Península depois das invasões árabes está na origem do “ciclo de formação da língua”, que se desenrola a partir deste quadro, acompanhando o movimento da reconquista cristã e dos romances setentrionais para sul, onde viriam a sobrepor-se ao romance moçárabe, não tendo restado dele mais do que os vestígios referidos.

– Textos de trabalho (Cf. Lista geral).

– Referências bibliográficas:

BALDINGER 1972; CÂMARA 1975; CASTRO 2006; DIAZ y DIAZ 1950; HERMAN 1975; HUBER 1986; LAUSBERG 1974; MATTOSO 1992; MEIER 1961, 1948, 1943; NETO 1992, 1977; NUNES 1989; PIEL 1989; TEYSSIER 1987; VÄÄNÄNEN 1988; WARTBURG 1952; WILLIAMS 1991.

2.2. Formação do português

2.2.1. A reconquista cristã e a constituição do espaço nacional da língua portuguesa

O período de formação da língua abarca *grosso modo* a fase normalmente designada por português antigo, segundo Cintra. No entanto, porque consideramos aqui, não a periodização tradicional de Cintra, mas a divisão em ciclos proposta por Castro, o estado da língua que se procura descrever aqui começa alguns séculos antes, no período em que, a nível linguístico, alguns fenómenos fortemente individualizadores começam a afastar o galego-português do latim e dos restantes romances peninsulares nascentes (note-se, por exemplo, que a síncope de -N- está já atestada no texto (latino) mais antigo conservado da área portuguesa, a escritura de fundação da igreja de Lardosa, datada de 882), e, a nível político, a reconquista cristã inicia o processo de expansão para sul trazendo consigo o galego-português e vai até ao momento em que o português, já separado do galego, inicia a sua expansão para um outro sul, o ultramarino. Abarca, por isso, também o período a que Leite de Vasconcelos e Serafim da Silva Neto chamaram período proto-

histórico, durante o qual, se é certo que o galego-português já existiria na oralidade como variedade diferenciada do latim, ainda não possuía modo de representação escrito.

Assim, a reconquista cristã, a partir do séc. IX, acompanha o “ciclo da formação da língua” – sécs. IX-XV (Castro 2006: 74ss) – durante o qual o galego-português do norte é transplantado para sul, ganha um espaço nacional, no séc. XII, com a formação do reino de Portugal⁹, uma forma escrita, a partir de meados do séc. XII ou inícios do séc. XIII, e, pela mesma época, começa a afastar-se do galego, podendo considerar-se já definitivamente separado dele a partir do final do séc. XIV ou início do séc. XV, coincidindo com o final do ciclo da formação da língua.

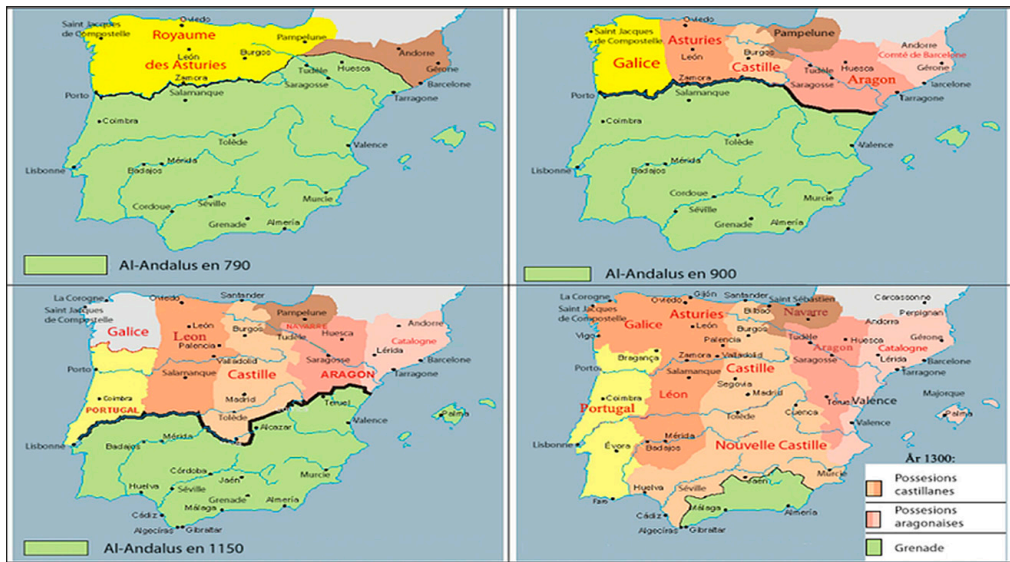


Figura 11: Cronologia da Reconquista cristã.

Disponível em: <http://hgp-recursos.blogspot.pt/search/label/Reconquista>.

⁹ A independência do Reino de Portugal é reconhecida em 1143, a data do Tratado de Zamora (5 de Outubro de 1143) entre D. Afonso Henriques e Afonso VII de Leão e Castela.

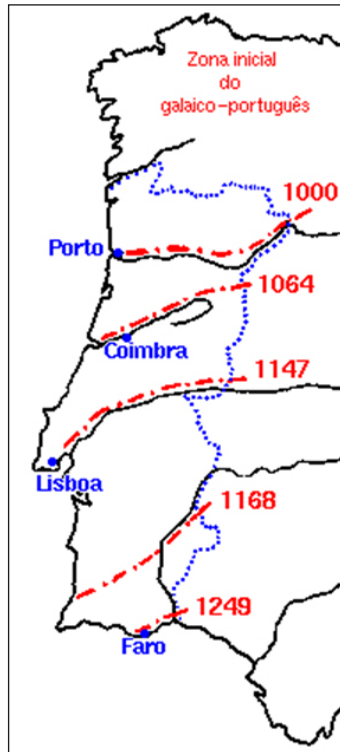


Figura 12 - Reconquista cristã e o espaço nacional da língua.

Disponível em: https://www.google.co.in/search?site=img&pbm=isch&source=hp&biw=957&bih=496&q=mapa+da+reconquista+crist%C3%A3+do+territ%C3%B3rio+de+portugal&oq=mapa+da+reconquist&gs_l=img.1.1.0i2j0i24k1.2103.11694.0.14830.36.14.715.13.0.191.1623.3j11.14.0...0...1ac.1.64.img..0.21.1444...0i30k1j0i8i30k1.2ZEvFZ-gHW8#imgrc=Z4P0i57hHOITAM%3A

No que respeita ao período correspondente aos sécs. XIII e XIV, isto é, ao português antigo, considera-se, salvaguardando sempre a natureza simbólica destas balizas, que ele é marcado, no seu início, pelo aparecimento dos primeiros textos escritos e, no seu final, pela separação do galego, a par de outros fenómenos políticosociais ocorridos na mesma época e usados por Cintra como *terminus ad quem* do período em causa.

2.2.2. Os mais antigos textos escritos em galego-português

A questão dos primeiros textos retoma a problemática das fontes da História da Língua e da Linguística Histórica (cf. I - 1), no que respeita às suas características gerais¹⁰ e valor enquanto fonte da documentação latina, latino-portuguesa e portuguesa.

Os textos mais antigos escritos em português merecem uma atenção particular, que se justifica pelo seu valor, mas também pelas descobertas mais recentes e pela polémica que as tem envolvido. O panorama tradicional apresentava como textos mais antigos conhecidos escritos em galego-português os seguintes:

- Testamento de D. Afonso II – Datado de 1214 (duas cópias: Lisboa – IAN/TT, Mitra de Braga, caixa 1, nº 48 - e Toledo – ACT, 2.4, B.6).

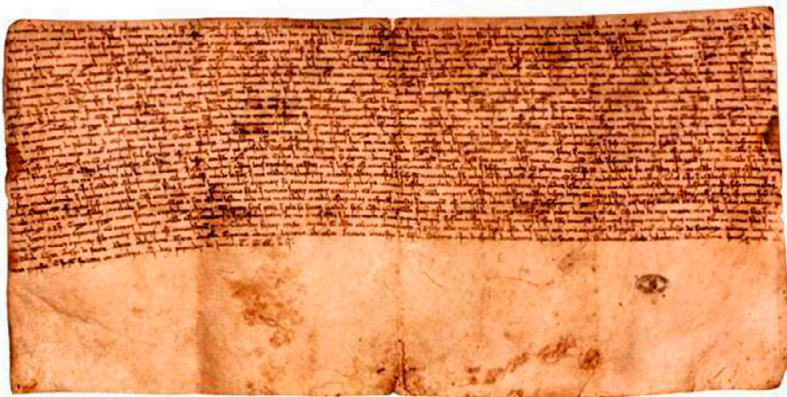


Figura 13 - Testamento de Afonso II.

Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/07.html>

- Notícia de Torto – Datável de 1214-16 (IAN-TT, CR, Vairão, maço 2, nº 40).
Disponível em:

¹⁰ Sobre a datação destes textos, note-se que, na Península Ibérica, vigorou, desde o século V, a chamada “Era Hispânica”, “de Augusto” ou “de César”, usada nos mais antigos documentos portugueses e que é uma variante do calendário Juliano (introduzido por Júlio César no séc. I a.c.), que, tal como o Egípcio, tinha por base o ano solar de 365 dias, acrescido do calendário hebraico (Páscoa, festas litúrgicas móveis), dos dias da semana, etc. Começou no dia 1 de Janeiro do ano 38 a.C., ano 716 da fundação de Roma, comemorando a conquista definitiva da Península pelos romanos e a introdução nela do calendário Juliano. O primeiro ano da Era Cristã, introduzida por D. João I no séc. XV (1422 da Era Cristã), coincide com o ano 39 da era Hispânica, pelo que, para converter a era Hispânica ou de César, na Cristã, é preciso tirar-lhe 38 anos. O calendário Gregoriano, que hoje usamos, foi introduzido, por Gregório XIII, no séc. XVI. No período de domínio Árabe, vigorou ainda na P.I., a par do calendário cristão, usado pelos moçárabes, o calendário islâmico, que tem como base o ano lunar de 354 dias.

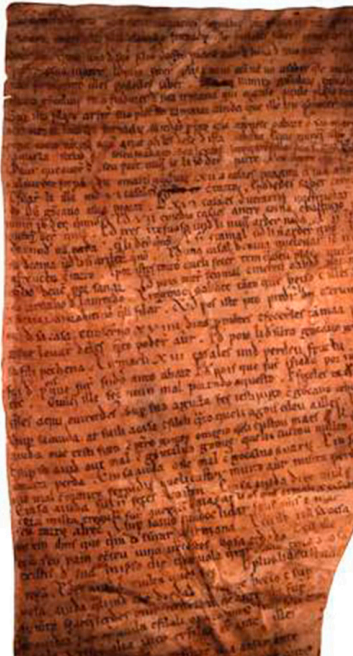


Figura 14 - Notícia de torto.

Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/07.html>

- Duas escrituras de Mogadouro – Datadas de 1253.
- A partir de 1255, trinta e quatro documentos em português da Chancelaria de D. Afonso III.

A partir de 1279, com D. Dinis (1261-1325), uso sistemático do português como língua dos documentos emanados da corte, estendendo-se depois esse uso aos demais centros produtores.

Nos últimos anos, porém, este panorama tem sofrido alterações significativas, graças à contribuição de vários autores, entre os quais se destacam Ana Maria Martins e José António Souto Cabo, que o enriqueceram com novas descobertas, nomeadamente:

a) para o período entre 1214 e 1255:

- Seis documentos datados descobertos por Ana Maria Martins:
- 1234- 2 de Vairão
- 1236- 1 de Ferreira de Aves
- 1243- 1 de Pedroso
- 1252- 2 de Pedroso

b) para o período anterior a 1214:

- Descoberta, por Ana Maria Martins, de um grupo de documentos cuja peça central é a “Notícia de Fiadores”, datada de 1175 (IAN/TT, CR, mosteiro de S. Cristóvão de Rio Tinto, maço 2, nº 10).

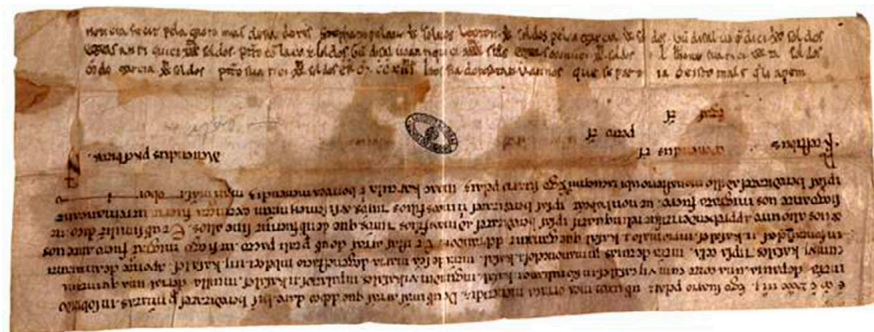


Figura 15 - Notícia de fiadores.

Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/07.html>.

- Descoberta, por José António Souto Cabo, de um documento datável de 1173 – 1175: o “Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais” (IAN/TT, Mitra de Braga, maço 1, nº 26/A).

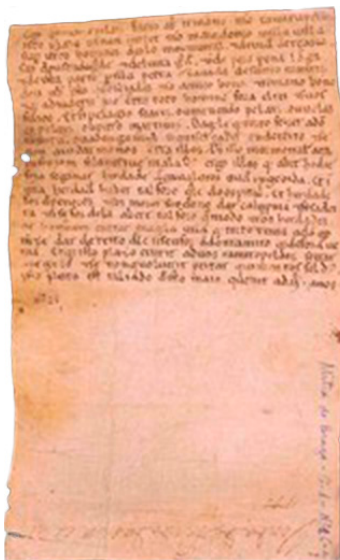


Figura 16 – Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais.

Disponível em: <https://dicionarioagramatica.com.br/2016/11/15/o-pacto-dos-irmaos-pais-um-dos-mais-antigos-escritos-portugueses/>

Estes documentos anteriores a 1214 já descobertos e outros que continuam a aparecer – fruto da pesquisa de investigadores como Ana Maria Martins e José António Souto Cabo, mas também de outros, que, como António Emiliano e Susana Pedro, têm contribuído de alguma forma para o avanço do “estado da arte” nesta questão – são documentos cuja classificação de “portugueses” é contestável, mas que apresentam, em maior ou menor grau, formas romances ou mesmo blocos compactos em romance, o que mostra que já havia a possibilidade de escrever em português pelo menos um século antes de ele começar a ser regularmente usado na escrita e pelo menos meio século antes de ele começar a ser usado esporadicamente (Castro 2006: 111).

Por outro lado, a proveniência geográfica e social diversificada dos documentos conhecidos dentro do território português sugere que o aparecimento da escrita em português não terá sido consequência de uma iniciativa pontual de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, mas que se achava disponível para ser utilizada provavelmente já antes da primeira metade do séc. XIII e que Afonso III (1210-1279), ao mandar escrever documentos em português na sua Chancelaria, ter-se-á limitado a aproveitar uma prática já bastante difundida (Castro 2006: 96).

2.2.3. Caracterização linguística geral do português antigo: a separação do galego

A caracterização linguística do português antigo (sécs. XIII-XIV) é feita a partir da análise e comentário das fontes que o documentam (cf. Textos de trabalho). Além de características gerais muito relevantes, como a oscilação gráfica ou o grande número de abreviaturas, estes textos permitem identificar as características e fenómenos linguísticos, sobretudo de natureza fonética, mais relevantes deste período, verificando-se que o português antigo tem como principais características as que resultam dos fenómenos ocorridos em latim vulgar ou no início do período romance:

- grande número de hiatos resultante de fenómenos de síncope consonântica;
- consoantes africadas /tʃ/, /dʒ/, /ts/ e /dz/, provenientes de palatalizações;
- sistema vocálico tónico já muito próximo do actual e sistema vocálico átono ainda com cinco timbres e idêntico em posição final e não final;
- grande número de vogais nasais, resultantes de nasalização.

Por outro lado, é este um período em que têm início vários fenómenos importantes que, no entanto, só se podem considerar concluídos e generalizados bastante mais tarde, no período estabelecido por Cardeira como português médio, encerrando o ciclo de formação da língua, ou mesmo já no português clássico.

A esclarecedora “recapitulação” do sistema fonológico do português antigo em contraste com o do português actual de Castro (2006: 144-147) serve como síntese da caracterização linguística deste período a nível fonológico.

No que respeita a características de natureza morfo-sintáctica, destacam-se:

- o sistema dos possessivos femininos, com duas séries, tónica e átona (*mia, mĩa, minha; tua, sua / mia, mha, ma; tua / ta; sua / sa*);
- o sistema dos demonstrativos e advérbios de lugar (*este, esse, aqieste, aquele; aqui, ali, acá, alá, acó, aló*);
- os anafóricos “*hi*” e “*ende*”;
- algumas particularidades do sistema verbal, como os participios em *-udo* (nos verbos da segunda conjugação) ou o *-d-* conservado nas formas da segunda pessoa do plural (ex. *amades*);
- os resultados das síncope de *-L-* e *-N-*: nos nomes e adjectivos terminados em *L*, este mantém-se no singular, em posição final, mas cai no plural, em posição intervocálica (ex. *sina*[l] / *sinais*); as vogais nasais formavam hiato, por exemplo em *mã-o* ou *cã-es*.

Finalmente, no léxico, destaca-se a influência do francês e do provençal.

A separação do Galego tem sido considerada como um marco relevante no final do ciclo de formação. É este, no entanto, um ponto controverso, embora tal controvérsia já tenha sido bastante mais significativa do que actualmente. Ainda assim, de certa forma, ainda persiste a polémica entre aqueles que acreditam terem o galego e o português iniciado a sua separação logo a partir da constituição dos reinos peninsulares, no séc. XII, considerando a separação política o primeiro passo para a separação linguística, e os que defendem que a unidade permanece ainda hoje. De qualquer forma, quer o processo de separação tenha começado nesta época ou mais tarde, pode aceitar-se como relativamente consensual que, no final do ciclo de formação da língua, que coincide, *grosso modo*, com o final do período trovadoresco (não é por acaso que, ao período a que Cintra chama português antigo, chama Pilar Vázquez Cuesta galego-português e Serafim da Silva Neto trovadoresco), o galego estaria já definitivamente separado do português, podendo considerar-se, a partir daí, como uma língua românica autónoma, o que, naturalmente, não invalida a grande proximidade linguística que continua a ter com o português.

– Textos de trabalho (cf. Lista geral).

– Sítios na rede:

INSTITUTO CAMÕES – CENTRO VIRTUAL CAMÕES – HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA EM LINHA: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/index1.html>

– Referências bibliográficas:

CASTRO 2006; CINTRA 1990, 1963; COSTA 1997, 1979; CUNHA 1986; DIAS 1918; EMILIANO, 2004, 2003a; EMILIANO E PEDRO 2004; FERNÁNDEZ REI 1988; HUBER 1986; MACHADO 2003, 1977; MAIA 2002, 1986; MARTINS 2002, 2001a, 2001b, 1999; MATTOSO 1992; NETO 1992; NUNES, 1981, 1969; NUNES 1989; PIEL 1989; SILVA 2008, 2006, 1989; SOUTO CABO 2003; TEYSSIER 1987, WILLIAMS 1991.

2.3. Expansão, elaboração e consolidação do português

2.3.1. A expansão ultramarina dos sécs. XV e XVI e as suas repercussões na língua portuguesa

O “ciclo da expansão da língua” (Castro 2006: 74ss) inicia-se com as navegações, a partir do séc. XV, e coincide com o momento em que a língua portuguesa, como resultado desse movimento, é transportada para fora da Península Ibérica e levada a outras terras e outras gentes, dando início ao processo de expansão que faria do português uma língua pluricêntrica (Soares da Silva 2014, 2011), uma das mais faladas do mundo, com implantação significativa, ainda actualmente, em três continentes (Reto, Machado e Esperança, 2016). São marco fundamentais desse período a descoberta do caminho marítimo para a Índia (1498) e o “achamento do Brasil” (1500).

Por outro lado, no território europeu, é este um período importantíssimo na evolução da língua portuguesa, em que esta atinge um estágio muito próximo do português actual, em particular no plano fonético-fonológico (Holt 2016). Esta evolução, no sentido, por um lado, da expansão para territórios extra-europeus e, por outro, de elaboração e consolidação no território europeu, é o aspecto mais marcante deste período.

Assim, o “ciclo da expansão”¹¹ inicia-se com as navegações, pela sua influência decisiva na expansão da língua e relevância desta para a situação actual do português no mundo. Efectivamente, é a esse facto da nossa história externa que, em boa parte, é devida a diversidade diatópica da língua portuguesa actual, nomeadamente a sua geografia actual – que abarca oito variedades nacionais oficiais espalhadas pelo mundo e vários crioulos de base portuguesa, que, em alguns casos, como o de Cabo Verde, são língua materna da esmagadora maioria dos seus falantes – e a sua relevância no mundo, uma das dez mais faladas e influentes.

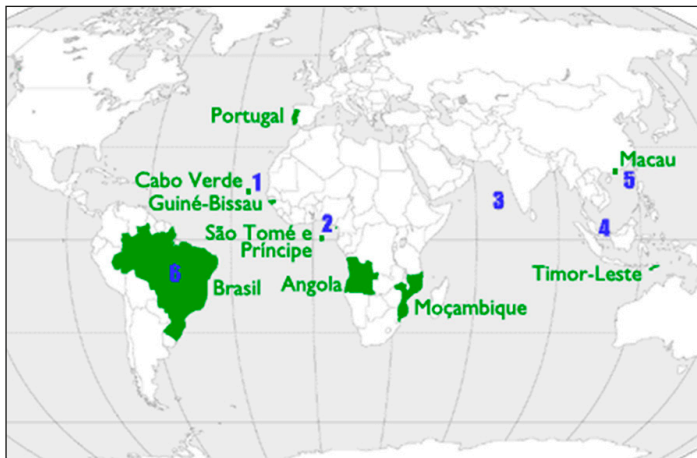


Figura 17: Geografia do português e dos crioulos de base portuguesa.

Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hp/geografia/index.html>.

¹¹ Não se analisa aqui o “estado da discussão” sobre o “Português Brasileiro” e as suas “origens” (cf. bibliografia específica, em especial Naro e Scherre 2007; Lucchesi 2015 e Faraco 2016). Relativamente à situação e características do português em África e na Ásia remete-se igualmente para os títulos incluídos na bibliografia geral, em especial Perpétua Gonçalves (2013, 2009). Sobre os crioulos de base portuguesa, vejam-se, em particular, Pereira (2006), Bartens (2014), Hagemeyer (2016) e Cardoso (2016).

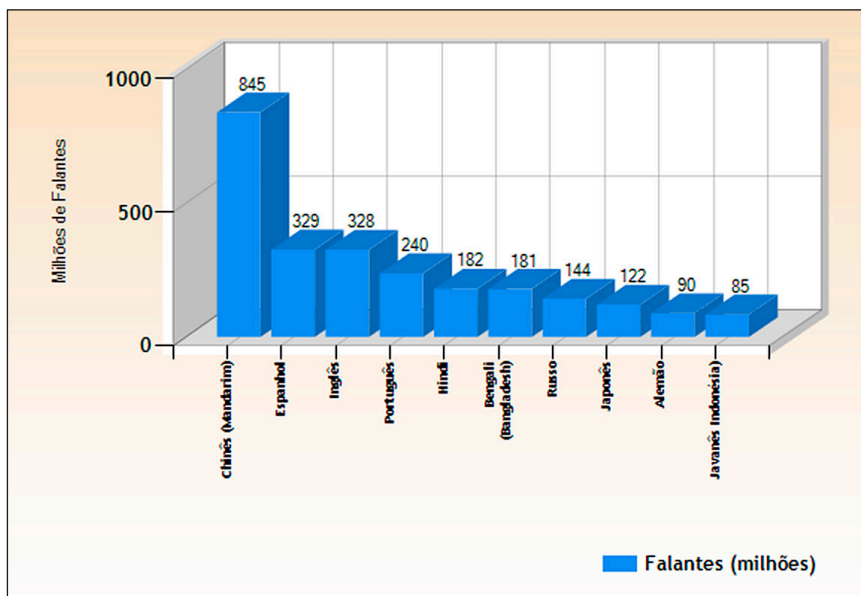


Figura 18: As dez línguas mais faladas no mundo.

Disponível em: <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/dados-estatisticos/as-linguas-mais-faladas/10-linguas-mais-faladas-no-mundo>.

2.3.2. O português médio e a transição para o português clássico

No que respeita à caracterização linguística deste período, ele abarca, de acordo com o exposto e problematizado no ponto II - 2, a propósito da periodização da língua portuguesa, os períodos designados por português médio e português clássico.

Assim, partindo da visão de Cardeira (2005) do português médio como cobrindo um período muito curto, a primeira metade do séc. XV, e encarado como um período crítico na história da língua portuguesa, ao invés de um simples período de transição, pode dizer-se que a sua caracterização linguística envolve fenómenos, muito significativos, particularmente no plano fonético-fonológico, que se consolidam neste período transformando drasticamente a língua, na sua forma e estrutura, mas que estariam já em marcha pelo menos desde o período que Cardeira classifica como uma “franja de separação” entre o português antigo e o português médio, correspondente à segunda metade do séc. XIV, ou mesmo antes.

Na verdade, esta “franja de separação”, que encerra o ciclo da formação da língua, é, do ponto de vista da sua história externa, particularmente relevante na sua evolução, na medida em que nela ocorrem várias convulsões, políticas, económicas, sociais, que terão condicionado ou, ao menos, influenciado a sua história interna. Efectivamente,

além da separação do galego – evento que se coloca sobretudo no plano literário, com a extinção da escola literária galego-portuguesa, porquanto tal separação, no plano da oralidade, terá seguramente ocorrido mais cedo – a peste, as guerras com Castela, o final da primeira dinastia, a de Borgonha, e a ascensão da segunda, a de Avis, eventos que, no seu conjunto, normalmente se designam como “crise de 1383-85”, produziram um novo quadro em que a importância do sul, crescente desde D. Afonso III, se afirma definitivamente com a fixação da corte em Lisboa, que, a partir de então, se assume como verdadeira capital. Como consequência, a Galiza fica definitivamente afastada do novo centro e a língua transplantada para sul com a reconquista, em contacto com as variedades moçárabes, ganha traços inovadores, que, doravante, passariam a ser encarados como padrão. Acresce ainda que o final do séc. XIV é pouco anterior ao final da Idade Média e ao início do Renascimento, com consequências importantes para a língua, nomeadamente ao nível do léxico.

Neste novo quadro, a língua estava pronta para se expandir para outros territórios, o que acontece a partir do início do séc. XV com o movimento da Expansão, e, dentro dos limites do território europeu, para o “processo de elaboração linguística”, de que fala Castro (2006), que se consolidará nos séculos seguintes, sendo certo que, depois do séc. XVIII, a língua já não conhecerá alterações muito significativas, sobretudo no domínio dos sons.

No plano linguístico, verifica-se que, mais uma vez, embora a mudança afecte todos os planos da língua, as principais diferenças atingem sobretudo o domínio dos sons. Assim, consideram-se concluídos na primeira metade do séc. XV, no português médio, ou no “patamar de estabilização”, na segunda metade do séc. XV, que o separa do português clássico, os seguintes fenómenos:

- Eliminação de hiatos, por vários processos:
 - Crase, precedida ou não de assimilação, das vogais em hiato resultante de sínopes consonânticas (ex. LEGIT > l[ee] > l[e]);
 - Ditongação por semivocalização de um dos elementos do hiato (ex. SANU > s[ãu] > s[ãw]);
 - Epêntese de consoante (ex. GALLINA > gal[ĩa] > gal[ijna]);
 - Epêntese de semivogal (CREDO > cr[eo] > cr[ejo]).
- Unificação das terminações nasais -ã, -õ e -ão em -ão (ex. formas como PANE > p[ã] > p[ãw]; LEONE > le[õ] > le[ãw] convergiram com formas como SANU > s[ãw]);

- Simplificação das africadas pré-dorso-dentais [ts] e [dz] nas suas correspondentes fricativas [s] e [z];
- Síncope de *-d-* intervocálico na desinência da segunda pessoa do plural das formas verbais, seguida de eliminação do hiato (ex. est[ade]s > est[ae]s > est[aj]s).

Além destes, importa ainda considerar alguns fenómenos gerais do vocalismo e do consonantismo, como a metátese (ex. prim[ar]jo > prim[ajro]), a inflexão vocálica (ex. vind[em]ja > vind[im]ja > vind[ima]), a harmonia vocálica (ex. c[o]stume > c[u]stume) e a metafonia (ex. [o]sso > [o]sso).

No domínio morfo-sintáctico, nota-se, em geral, o desaparecimento dos traços registados no português antigo, com destaque para os seguintes:

- os participípios em *-udo* dos verbos da segunda conjugação, que se unificam com os dos verbos da terceira conjugação, em *-ido*;
- as mudanças no género, que, desencadeadas pelo desaparecimento do neutro, ainda em latim, conduziram, no português antigo, nos nomes e adjectivos terminados em consoante (*-l*, *-r* ou *-z*) ou na vogal *-e*, a formas em muitos casos diferentes das actuais (ex. nos nomes, as formas em *-agem*, como *linhagem*, eram masculinas, outras como *planeta* eram femininas e outras ainda, como *senhor*, eram invariáveis; nos adjectivos, *firme* era biforme, mas *pecador* era uniforme) e que, nesta época, começam a aproximar-se do uso actual, embora, em muitos casos, as formas modernas só se tenham generalizado a partir do séc. XVI. Os nomes e adjectivos em *-a* (provenientes da primeira declinação latina e de neutros plurais da segunda declinação) convergiram no género feminino ainda em latim vulgar (*-a*, *-as*) e os nomes e adjectivos em *-o/u* (provenientes da segunda e da quarta declinações latinas) convergiram no género masculino, também em latim vulgar (*-o*, *-os*) e assim se mantiveram no português.

No domínio do léxico, destaca-se que o séc. XV marca, em Portugal, a chegada do Renascimento, trazendo consigo a influência directa da literatura clássica, com consequências inevitáveis neste domínio. No entanto, se, a partir do séc. XVI, a adopção de empréstimos lexicais tomados ao latim literário se torna regra, é de notar que, no séc. XV, autores como D. Duarte (1433-1438), e D. Pedro (1392- 1449), filhos de D. João I, revelam, na tradução dos clássicos latinos, uma acentuada preferência pelas formas vernáculas, constituindo o exemplo mais acabado desta tendência obras como o *Leal Conselheiro*, de D. Duarte e a tradução do *De Officiis*, de Cícero, do Infante D. Pedro onde se encontram formas tão ilustrativas desta resistência ao empréstimo directo do latim como *fremosura das obras por decorum* e *carpentaria por architectura*.

Esta abordagem do português médio, apresentada por Cardeira (2005), por um lado, permite dar conta da real importância deste período, que não é, de facto, uma simples fase de transição, mas uma “transição de fase”, decisiva na elaboração do português, em que se resolvem vários processos de mudança em curso; por outro, sintetiza de forma bastante satisfatória o que seria o estado da língua no momento em que inicia o seu ciclo de expansão e é levada para novos continentes, o que permite compreender muitas das características do português extra-europeu e, em particular, do português do Brasil (ex. as características do vocalismo átono).

2.3.3. Constituição de um corpus doutrinal vernáculo: os primeitos gramáticos, ortografistas e lexicógrafos

O português clássico deve ser visto em relação com esta elaboração do português no séc. XV. Ultrapassado o “patamar de estabilização”, situável na segunda metade do séc. XV, este, sim, uma fase de transição que separa o português médio do clássico, é, efectivamente, ela que vai permitir a sua gramaticalização, facto que inaugura o português clássico. Pese embora o seu carácter simbólico, a que se aludiu no ponto II-2, a publicação, em 1536, da primeira gramática do português escrita em português, a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1507-ca.1581), é consensualmente considerada o marco inicial do português clássico e seria apenas a primeira das muitas obras de natureza metalinguística (gramáticas, ortografias, dicionários) que, nos sécs. XVI a XVIII, constituem um *corpus* doutrinal vernáculo para a língua portuguesa.

A importância destas obras para a história da língua portuguesa é incontornável: como fontes primárias, enquanto testemunhos directos de escrita, como fontes secundárias, enquanto documentos metalinguísticos, mas também como testemunho de uma valorização das línguas vernáculas a que não é, naturalmente, alheio o movimento humanista do Renascimento. Efectivamente, se, durante todo o ciclo de formação da língua, as escassas fontes disponíveis são apenas de natureza primária, a afirmação do vernáculo como metalíngua no séc. XVI cria um novo tipo de fontes, potencialmente muito interessantes, por funcionarem em simultâneo como fontes primárias e secundárias, mas sobretudo porque, como fontes secundárias, revelam uma consciência linguística aguda em relação a aspectos importantíssimos para a história da língua, como, por exemplo, a variação, nas suas diferentes formas: sincrónica (diatópica, diastrática e diafásica) e diacrónica. Sirva aqui de exemplo – entre outras obras deste período, como, por exemplo, Leão (*Origem...*, 1606) e Bluteau (*Vocabulário*, 1712-1721) – sobretudo a *Grammatica*, de Fernão de Oliveira (1536), obra que, além de pioneira,

é, a muitos títulos, inovadora (Abaurre 2009; Coseriu 1991), atentando em todos os tipos de variação, abstendo-se da formulação de juízos prescritivos e descrevendo com inusitada finura os traços do português da sua época, com destaque para os de natureza fonéticofonológica e prosódica.

É também nesta obra que devem procurar-se as origens da questão ortográfica (Gonçalves 2003), mesmo que ainda não sob a forma de regras, o que só se encontrará na gramática de Barros (1540), apenas quatro anos posterior à de Oliveira (1536). Esta questão, uma das mais interessantes do processo de normalização/normatização da língua, inaugurado por Fernão de Oliveira, manter-se-ia até aos nossos dias, pondo em contraste a busca, que não mais cessou, de um padrão para a escrita e a poligrafia do período anterior.

Como enquadramento da caracterização linguística do português clássico (sécs. XVI a XVIII), destacam-se alguns marcos histórico-culturais relevantes, tais como:

- a representação do último auto e talvez a morte de Gil Vicente e a morte de Garcia de Resende, em 1536, que marcam simbolicamente a transição da Idade Média para o Renascimento e o início do português clássico;
- a transferência definitiva da Universidade para Coimbra em 1537, com implicações no estabelecimento da variedade culta da língua;
- o estabelecimento da Companhia de Jesus em Portugal, em 1540, pela influência notória dos Jesuítas na educação, em Portugal, e na expansão da língua nas novas possessões ultramarinas, sobretudo no Oriente e no Brasil;
- o aparecimento da literatura de viagens e de literatura científica sobre as novas realidades, com reflexos no léxico (ex. *Peregrinação*, 1614, de Fernão Mendes Pinto e *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, 1563, de Garcia de Orta);
- o desastre de Alcácer Quibir, em 1578, e a mudança da segunda dinastia, a de Avis, para a terceira, a Filipina, em 1580, com Filipe I de Portugal (1527-1598), II de Espanha, coincidindo a perda da independência simbolicamente com a morte de Camões (10 de Junho de 1580), com reflexo no acentuar do bilinguismo luso-castelhano e da influência espanhola sobre o português (Venâncio 2014), que, por razões políticas (rainhas de origem castelhana) e culturais (língua de prestígio na literatura) era uma realidade já desde meados do séc. XV;
- a restauração da independência, em 1640, e a nova mudança de dinastia, da terceira, a Filipina, para a quarta, a de Bragança, com D. João IV (1604-1656),

com reflexos no processo de declínio do bilinguismo luso-castelhano, que, no entanto, se manteve ainda por bastante tempo.

2.3.4. Caracterização linguística geral do português clássico

Depois do séc. XVI, merecem destaque fenómenos de natureza fonético-fonológica:

- redução do sistema de sibilantes de quatro elementos, dois áptico-alveolares, um surdo e um sonoro, e dois pré-dorso-dentais, um surdo e um sonoro, para dois elementos pré-dorso-dentais, um surdo e um sonoro. Os dados dialectais do português actual (Cintra 1983a) permitem perceber a complexidade do resultado deste fenómeno, com redução a duas pré-dorso-dentais nos dialectos centromeridionais, a duas áptico-alveolares nos dialectos setentrionais do Baixo Minho, Douro e Beira Alta e manutenção, como traço de grande arcaísmo, das quatro sibilantes nos dialectos setentrionais do Alto Minho e Trás-os-Montes;
- monotongação de [ow] > [o] (ex. t[ow]ro > t[o]ro, persistindo a primeira forma a nível dialectal, nos dialectos setentrionais);
- elevação e centralização do vocalismo átono, conduzindo, no final do séc. XVIII, ao sistema actual. Note-se, no entanto, a diferença entre a elevação do vocalismo átono pré-tónico, mais tardia, e a do vocalismo final e pós-tónico, iniciada bastante mais cedo, segundo vários autores ainda no português antigo (Hart 1955; Carvalho 1984a; Marquilhas 2003).

No que respeita à morfologia e à sintaxe, de uma maneira geral, se as transformações sofridas pela língua entre o séc. XIV e o séc. XVI, isto é, essencialmente no português médio e no “patamar de estabilização” que o separa do português clássico, “tiveram como efeito fixar a morfologia e a sintaxe de tal maneira que, daí por diante, pouco variarão” (Teyssier 1987: 67), entre o séc. XVI e o séc. XVIII, isto é, no português clássico, mantém-se esta tendência, sendo de registar:

- a estabilização do actual sistema de demonstrativos e advérbios de lugar (*este, esse, aquele; aqui, aí, ali; cá, lá*);
- e, no que respeita à colocação dos clíticos na frase, a afirmação da próclise como maioritária na oração principal (no português antigo alternava com a ênclise, tornando-se progressivamente mais frequente no português médio (Martins 2016, 2011, 2002, 1994).

Finalmente, no domínio do léxico, destacam-se as “vozes exóticas” que, a partir do séc. XVI, se vão infiltrando no léxico português, seja por via literária (cronistas), seja por via oral (convivência com povos indígenas; comércio), aumentando assim consideravelmente o caudal de termos orientais recebidos anteriormente por intermédio do árabe” (Piel 1989: 15) (ex. *bengala* (Índia), *chá* (China), *biombo* (Japão), *ananás* (África), *mandioca* (Brasil).

Além destas influências, resultado directo da expansão ultramarina, destacam-se a do latim (ex. *angélico*) e do italiano (ex. *piano*), influências do Humanismo e Renascimento, e a do espanhol (ex. *cavalheiro*), devida ao predomínio político e literário de Espanha, desde meados do séc. XV.

2.3.5. O português moderno: breve caracterização linguística

Em termos de contextualização histórica do período a que, usando as designações periodológicas propostas por Cintra, se chama moderno, deve notar-se, antes de mais, que a baliza cronológica que marca o início deste período é particularmente vaga, por remeter essencialmente para eventos da história europeia, nomeadamente o início da revolução industrial, no séc. XVIII, em Inglaterra, e a revolução francesa, em 1789, cujas repercussões só muito superficialmente e só no domínio do léxico atingiram a língua. Há, no entanto, alguns eventos histórico-culturais com reflexo directo em diferentes aspectos da língua e que importa assinalar, nomeadamente, no séc. XVIII:

- a influência do Iluminismo em Portugal, através dos “estrangeirados”, como Bluteau e Verney, com influência muito significativa na produção metalinguística, particularmente de dicionários (Bluteau, *Vocabulario Portuguez e Latino*, 1712-1721);
- o advento de Pombal, com a expulsão dos Jesuítas (1759) e as reformas no ensino.

Já no séc. XIX, a independência do Brasil, em 1822, com consequências no acentuar da diferenciação entre as variedades europeia e brasileira do português, que, no entanto, começara seguramente muito antes, pois Monte Carmelo, em 1767, regista já a não distinção entre pré-tónicas abertas e fechadas (ex. c[a]deira como p[a]deiro) como marca do português do Brasil.

No plano linguístico, é esta uma fase da língua em que já pouco mudaria até aos nossos dias. Merecem, no entanto, referência, alguns fenómenos importantes consolidados já no séc. XVIII ou mesmo depois (ainda que, em alguns casos, iniciados bastante mais cedo), nomeadamente, no domínio fonético-fonológico:

- simplificação da africada palatal (desafricação) [tʃ] na fricativa palatal [ʃ] (ex. [tʃ] amar > [ʃ]amar), iniciada provavelmente ainda no séc. XVI;
- palatalização do -s final (ex. gato[s] > gato[ʃ]);
- pronúncia uvular do /r/ (ca[ʀ]o > ca[R]o);
- dissimilação do ditongo [ej] > [aj] (ex. l[ej]te > l[aj]te);
- dissimilação de [e] em [a] antes de consoante palatal (ex. t[e]lha > t[a]lha).

De notar que estas duas últimas alterações, ao contrário das restantes, estão longe de ser comuns a toda a região centro-meridional. São fenómenos tipicamente lisboetas e, como tal, geralmente incorporados na variedade culta do português actual, mas que, apesar disso, são tão marcados como a monotongação de [ej] > [e], que caracteriza os dialectos do centro interior e sul.

A nível morfo-sintáctico, destacam-se sobretudo, na colocação dos clíticos (Martins 2016), a mudança da próclise na oração principal, quase absoluta no português clássico, para a ênclise, no português moderno, e as alterações na morfologia e sintaxe do verbo:

- a segunda pessoa do plural cai em desuso, mantendo-se apenas a nível dialectal, nos dialectos setentrionais (ex. *vós achais* > *vocês acham*);
- a mesóclise no futuro e no condicional restringe-se a registos formais no modo de representação escrito (ex. *dir-me-ás*);
- o futuro (ex. *cantarei*) e outros tempos, como o condicional (*cantaria*) e o maisque-perfeito simples (*cantara*), ficam quase totalmente confinados à escrita e a registos mais formais.

No domínio do léxico, destacam-se os novos termos científicos e técnicos e os empréstimos das novas línguas de cultura, primeiro o francês, sobretudo no séc. XVIII e XIX, e o inglês, do séc. XIX até aos nossos dias.

– Textos de trabalho (cf. Lista geral).

– Referências bibliográficas:

ARGOTE 1725; BARBOSA 1968; BARRETO 1671; BARROS 1540; BLUTEAU 1712-1728; CARDEIRA 2005; CASTRO 2006; CASTRO *et alii* 1987; CINTRA 1983a; GÂNDAVO 1574; HUBER 1986; LEÃO 1606; LOPES 1969; MACHADO 2003, 1977; MARQUILHAS 2000, 1991; MARTINS 2002, 1994; MONTE CARMELO 1767; NETO 1992; NUNES 1989;

OLIVEIRA 1536; PEREIRA 2006; PIEL 1989; TEYSSIER 1987; VITERBO 1798; WILLIAMS 1991.

– Sítios na rede:

ETHNOLOGUE: http://www.ethnologue.com/ethno_docs/distribution.asp?by=size

INSTITUTO CAMÕES – CENTRO VIRTUAL CAMÕES – HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA EM LINHA: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/index1.html>

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB): <http://www.ieb.usp.br>

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>

OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA: <http://observatorio-lp.sapo.pt>

PORTAL DA LÍNGUA PORTUGUESA: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org>

3. Bibliografia

Bibliographia... Descrição das obras relativas a um ou mais assumptos determinados.

(F. Adolfo Coelho, *Dicc. Manual Etymologico da Lingua Portuguesa*, 1890: 234)

3.1. Bibliografia geral

ABAURRE, M^a Bernadete *et alii* (2009): *Fernão de Olivera, um gramático na História*. Campinas: Pontes.

AITCHISON, Jean (1991): *Language change: progress or decay?* Cambridge: Cambridge Press (trad. esp. *El cambio lingüístico en las lenguas: ¿Progreso o decadencia?*. Barcelona: Ariel, 1993).

ALBERTO, Paulo Farmhouse, Ana Maria MARTINS & Rodrigo FURTADO (2011): “Latin and Portuguese in the Middle Ages”. In: José Mattoso *et alii* (orgs.), *The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)*. Lisboa: IEM - Instituto de Estudos Medievais, pp. 67-85.

ALI, Manuel Said (1931): *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://archive.org/stream/M.saidAli.grammaticaHistoricaDaLinguaPorugueza/GrammaticaHistoricaDaLinguaPortugueza#page/n15/mode/2up>

ÁLVAREZ, Rosario, Ana Maria MARTINS, Henrique MONTEAGUDO & Maria Ana RAMOS (eds.) (2013): *Ao sabor do texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela/Servizo de Publicacións e Intercambio Científico.

ARGOTE, Jerónimo Contador de (²1725[1721]): *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua Latina pelas regras da Portugueza*. Lisboa Occidental: Officina da Musica. Disponível em <http://purl.pt/10>

ASENSIO, Eugenio (1974): “La lengua compañera del Imperio”. *Estudios Portugueses*. Paris, pp. 1-16.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de (2004): *Base teórica de crítica textual*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação Editora.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de (1998): *Ensaio de lingüística, filologia e ecdótica*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Língua e Literatura / UERJ.

AZEVEDO, Pedro de (1903-1905): “Testamento em português de D. Affonso II (1214)”. *Revista Lusitana*, 8, pp. 80-84.

AZEVEDO, Pedro de (1923-1925): “Uma versão portuguesa da história natural das aves do séc. XIV”. *Revista Lusitana*, 25, pp. 128-147.

AZEVEDO, Pedro de (1906-1909): *Archivo Historico Portuguez*, IV-VII (republ. Lisboa: Colibri, 2003).

BALDINGER, Kurt (²1972[1958]): *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Gredos.

BANZA, Ana Paula (2014): “O Português em Angola: uma questão de política linguística”. In: Alexandra Fiéis, Maria Lobo & Ana Madeira (orgs). *O Universal e o Particular. Uma vida a comparar. Homenagem a Maria Francisca Xavier*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 29-38. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/16291>

BANZA, Ana Paula (2011): “História e Filologia no resgate da memória linguística e literária”. *Diacrítica*. Ciências da Linguagem, nº. 25/1, pp. 39-46. Disponível em: http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_25-1.pdf

BANZA, Ana Paula (2007a): “Alguns aspectos da Língua Portuguesa seiscentista na escrita do Padre António Vieira”. *Diacrítica*. Ciências da Linguagem, nº. 21/1, pp. 5-24. Disponível em: http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_21-1.pdf

BANZA, Ana Paula (2007b): “Unité et Diversité dans le Portugais du XXI ème siècle: ce qui change avec l’entrée en vigueur de l’Accord Orthographique”. *Grenzgänge, Beitrage zu einer modernen Romanistik*, 14. Jahrgang 2007 Heft 28, Thema: Portugal: Sprache und kultur im wandel. Leipzig: Leipziger Universitätsverlag, pp. 18-32.

BANZA, Ana Paula & Mª Helena GARVÃO (1996): “As formas verbais em documentos notariais do séc. XIII. Alguns aspectos”. In: *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. II, secção II (Linguística Histórica). Braga, pp. 31-37. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/5037>

BANZA, Ana Paula & Mª Helena GARVÃO (1994): “Deux faits de phonétique historique du XIIIe siècle” (1993). *La Linguistique*, vol. 30, fasc. 1/94, Paris, pp. 29-35.

BANZA, Ana Paula (1992): *A linguagem dos documentos em português da Chancelaria de D. Afonso III*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/5041>

BARBOSA, Jerónimo Soares (1822): *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral applicados á nossa Linguagem*. Lisboa: Na Typographia da Academia das Sciencias. Disponível em: <http://purl.pt/128>

BARBOSA, Jorge Morais (2000): “Sintaxe camoniana”. *Diacrítica*, 15, pp. 55-71.

BARBOSA, Jorge Morais (1988): “Notas sobre a pronúncia portuguesa nos últimos cem anos”. *Biblos*, vol LXIV, pp. 329-382.

BARBOSA, Jorge Morais (1968): *A língua portuguesa no mundo*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.

BARBOSA, Jorge Morais (1967): *Estudos linguísticos crioulos*. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

BARRETO, João Franco (1671): *Ortografia da lingua portugueza*. Lisboa: Officina de Joam da Costa. Disponível em <http://purl.pt/18>

BARROS, Anabela Leal de (2005): “O português dos séculos XVII-XVIII segundo os cancioneiros de mão”. In: Miguel Gonçalves *et alii*. (orgs), *Gramática e Humanismo. Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*, vol. II. Braga: Universidade Católica Portuguesa, pp. 318-344.

BARROS, João de (1540), *Grammatica da lingua portuguesa*. Lisboa: Lodouicum Rotorigiu[m]. Edição fac-similada organizada por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1971. Disponível em <http://purl.pt/12148>

BARTENS, Angela (2014): “Les langues créoles à base portugaise”. In: Andre Klump, Johannes Kramer & Aline Willems (eds.): *Manuel des langues romanes*. MRL, 1. Berlin / Boston: De Gruyter Mouton, pp. 724-747.

BATALHA, Graciete Nogueira (1983): “Situação e perspectivas do Português dos crioulos de origem portuguesa na Ásia Oriental (Macau, Hong-Kong, Malaca, Singapura, Indonésia)”. In: *Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, I, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp. 287-304.

BECHARA, Evanildo (1991): “As fases da língua portuguesa escrita”. In: Dieter Kremer (ed.), *Actes du XVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes*, Vol. III. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 68-76.

BÉDIER, Joseph (²1970[1928]): *La tradition manuscrite du Lai de l’Ombre. Réflexions sur l’art d’éditer les anciens texts*. Paris: Champion. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8980/f1.image>

BLUTEAU, D. Raphael (1727-1728): *Prosas portuguesas*, 2 vols. Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva. Disponível em: <http://purl.pt/79>

BLUTEAU, Rafael (1712-1728): *Vocabulario Portuguez e Latino*, 8 vols. Coimbra (vols. 1-4, 1712-1713), Lisboa (5-8, 1716-1721). Rio de Janeiro: Casa de Machado de Assis/Academia Brasileira de Letras. CDRom.

BOLÉO, Manuel de Paiva (1974): “O estudo dos falares antigos e modernos e sua contribuição para a história da língua. In: *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I, t. I. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, pp. 289-307.

BORGES, Rosa *et alii* (2012): *Edição de Texto e Crítica Filológica*. Lisboa: Quarteto.

BROCARD, Teresa (2014): *Tópicos de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Colibri.

BROCARD, Maria Teresa (2006): *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. Edição do Fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV). Lisboa: INCM.

BYNON, T. (1977): *Historical Linguistics*, Cambridge: Cambridge University Press.

CAMÕES, Luís Vaz de (1572): *Os Lusíadas*. Lisboa: Em casa de Antonio Gôçalvez. Disponível em: <http://purl.pt/1>

CALLOU, Dinah (2009): “De Fernão de Oliveira e da (Socio)linguística”. In M. B. Abaurre *et alii* (orgs.), *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes, pp.123-129.

CÂMARA, Joaquim Mattoso (1975): *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

CAMBRAIA, César Nardelli (2005): *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes.

CARDEIRA, Esperança (2006): *História do Português*, Lisboa: Caminho.

- CARDEIRA, Esperança (2005): *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: INCM.
- CARDOSO, Hugo (2016): “O português em contacto na Ásia e no Pacífico”. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. MRL, 16. Berlin / Boston: De Gruyter Mouton, pp. 68-97.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et alii* (orgs.) (2006): *Quinhentos anos de História Linguística do Brasil*. Salvador: Funcultura.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan (2015): “Influencia del español en la prosa barroca portuguesa: los tiempos compuestos”. *RILCE – Revista de Filología Hispánica*, 31, nº 1, 79-96. Disponível em: <http://dadun.unav.edu/handle/10171/39089>
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan (2014): “Evolución de los tiempos compuestos en portugués durante los siglos XVI y XVII”. *Archivum: Revista de Facultad de Filología*, t. 64, pp. 77-100. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4990716>
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan (2013): “Algunos indicadores del portugués clásico en la obra de Bernardim Ribeiro”. *Estudis romànics*, nº 35, pp. 173-188.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. (2011): “Uso de haver en la Menina e Moça: Bernardim Ribeira en la frontera del portugués arcaico”. In: A. M. Cestero Mancera, I. Molina Martos & F. Paredes García (eds.), *La lengua, lugar de encuentro – Actas del XVI Congreso internacional de la ALFAL* (Alcalá de Henares, 6-9 de junio de 2011), pp. 2515-2524. Disponível em: <http://alfal2011.mundoalfal.org/#/pdf/284alfal.pdf>
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. (1991): “Perspectivas para el análisis lingüístico de una obra portuguesa del siglo XVI”. *Anuario de Estudios Filológicos*, vol. 14, pp. 97-104. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=58710>
- CARTER, H. H. (1967): *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*. Chapel Hill: The University of North Caroline Press.
- CARTER, H. H. (1941): *Cancioneiro da Ajuda*. Edição diplomática. New York: London.
- CARVALHO, Gonçalo Dias (1986[1557]): *Carta a El-Rei D. Sebastião*. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- CARVALHO, José Gonçalo Herculano de (2^a1984[1959]): “Moçarabismo linguístico ao sul do Mondego”. *Estudos Linguísticos*, I. Coimbra: Coimbra Editora, pp. 159-170.
- CARVALHO, Maria José (2003): “Algumas notas sobre a morfologia da língua portuguesa por volta de 1500”. In: Alexandre Veiga (ed.), *Gramática e léxico em*

sincronia e diacronia. Um contributo da Linguística Portuguesa. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións da Universidade, pp. 155-166.

CARVALHO, Maria José (1996): *Do português arcaico ao português moderno. Contributos para uma nova proposta de periodização*. Coimbra: Universidade de Coimbra/Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado.

Diálogo espiritual (1983). Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional.

CARVALHO, José Gonçalo Herculano (²1984a [1962]): “Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *e* e *o* em sílaba átona”. In: *Estudos Linguísticos*, II. Coimbra: Coimbra Editora, pp. 75-103.

CARVALHO, José Gonçalo Herculano (²1984b [1959]): “Moçarabismo linguístico ao sul do Mondego”. In: *Estudos Linguísticos*, I. Coimbra: Coimbra Editora, pp. 159-170.

CARVALHO, José Gonçalo Herculano (1984c2[1952]), “Porque se fala leonês em terras de Miranda?”. In: *Estudos Linguísticos*, I. Coimbra: Coimbra Editora, pp. 71-92.

CASTRO, Ivo (2013): “Formação da língua portuguesa”. In: Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et alii* (org.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 7-14.

CASTRO, Ivo (2007): “Uma língua que veio de longe”. In: *Catálogo da exposição Lusa – A Matriz Portuguesa*, vol. II. São Paulo: Mag Mais Rede Cultural, pp. 110-119.

CASTRO, Ivo (²2006[2004]): *Introdução à História do Português*. Lisboa: Edições Colibri.

CASTRO, Ivo (2004): “A primitiva produção escrita em português”. In: *Orígenes de las lenguas romances en el Reino de León. Siglos IX-XII*, vol. II. León: Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, pp. 69-97.

CASTRO, Ivo (2003): “O Linguista e a Fixação da Norma”. In: A. Mendes & T. Freitas (orgs.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 11-24.

CASTRO, Ivo (2002): “Sur le bilinguisme littéraire castillan-portugais”. In: *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, vol. XLIV (La littérature d’auteurs portugais en langue castillane). Lisboa-Paris: Fondation Gulbenkian, pp. 11-23.

CASTRO, Ivo (²2002[1996]): *Galegos e Mouros*. Lisboa: Cátedra de Estudos Galegos/Colibri.

- CASTRO, Ivo (1999): “O Português Médio segundo Cintra (nuga bibliográfica)”. In Isabel Hub Faria (ed.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Cosmos, pp. 367-370.
- CASTRO, Ivo (1997): “Filologia”. In: *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. II. Lisboa: Verbo.
- CASTRO, Ivo (1996): “Para uma história do Português Clássico”. In: *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. II. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp.135-150.
- CASTRO, Ivo (1995a): “A isoglossa de Tordesillas”. *Revista de Filologia Románica*, Madrid, n.º 11-12, pp. 51-62; republicado em: *Língua-Mar. Criações e confrontos em português*. Rio de Janeiro: Funarte, 1996, pp. 27-40.
- CASTRO, Ivo (1995b): “O retorno à filologia”. In: Cilene da Cunha Pereira & Paulo Roberto Dias Pereira (orgs.). In: *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 511-520.
- CASTRO, Ivo (1993): “A elaboração da língua portuguesa, no tempo do Infante D. Pedro”. *Biblos*, LXIX, pp. 97-106.
- CASTRO, Ivo (com a colaboração de Rita Marquilhas e J. Léon Acosta) (1991): *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CASTRO (1986): *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras. Relatório apresentado a concurso para Professor Associado.
- CASTRO, Ivo (1984): *Livro de José de Arimateia. Estudo e edição do Cod. ANTT 643*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras. Dissertação de Doutoramento.
- CASTRO, Ivo, Inês DUARTE & Isabel LEIRIA (orgs.) (1987): *A Demanda da Ortografia Portuguesa. Comentário do Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da Questão que se lhe seguiu*. Lisboa: Sá da Costa.
- CASTRO, Ivo (1985): “Vida de Santos de um manuscrito Alcobacense (Colecção Mística de Fr. Hilário da Lourinhã, Col. Alc. CCLXVI/ANTT 2274)”. *Revista Lusitana*, Nova Série, Sep. n.º. 4 e 5).
- CASTRO, Ivo, Ana Maria MARTINS *et alii* (2004): “A antiga documentação de Portugal”. In: *Actas do XIX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (ed. Tiago Freitas e Amália Mendes). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 47-83.

- CASTRO, Ivo, Rita MARQUILHAS & Cristina ALBINO (2001): *Tempo da língua. Imagens da história da língua portuguesa*. Lisboa: Instituto Camões.
- CASTRO, Maria Helena Lopes de (1998): *Dom Duarte. Leal Conselheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CEIA, Carlos (2010): “Crítica Textual”; “Crítica Filológica”. In: Carlos Ceia, *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: www.edtl.com.pt
- CEPEDA, Isabel Vilares (1982, 1989): *Vidas e Paixões dos Apóstolos (Bernardo de Brihuega)*. Edição crítica e estudo. 2 vols. Lisboa: INIC.
- CEPEDA, Isabel Vilares (1962): *A linguagem da «Imitação de Cristo» (Versão portuguesa de Fr. João Álvares)*. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (²1990 [1986-1987]): “Sobre o mais antigo texto não-literário português: a “Notícia de Torto” (leitura crítica, data, lugar de redacção e comentário linguístico)”. *Boletim de Filologia*, XXXI, pp. 21-77.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1986): *Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa*, 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1983a): *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1983b): “A língua portuguesa no Mundo”. *Expresso*: 6 de Julho.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1983c): “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”. In: *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1983, pp. 117-163. (1ª ed. *Boletim de Filologia*, XXII, 1971, pp. 81-116).
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1963): “Les anciens textes portugais non-littéraires. Classement et bibliographie”, seguido de “Observations sur l’orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIIIème siècle”. *Revue de Linguistique Romane*, XXVII, pp. 40-77 ; 2ª ed. em Isabel Hub Faria (ed.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Cosmos, 1999, pp. 199-215.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1971) : “Observations sur le plus ancien texte portugais non littéraire: la ‘Notícia de Torto’ (lecture critique, date et lieu de rédaction)”. In : *Actele celui de-al XII Congres International de Lingvistica si Filologie Romanica* (Bucuresti 1968), vol.II. Bucuresti, pp. 161-174.

CINTRA, Luís Filipe Lindley (1951-1961): *Crónica Geral de Espanha de 1344. Edição crítica do texto português*. 3 vols. Lisboa: Academia Portuguesa da História (Reprodução fac-similada, Lisboa: IN-CM, 1983 (vol.I), 1984 (vols. II –IV)).

COELHO, F. Adolfo (1906): “Casos de analogia na língua portuguesa”. *Revue Hispanique*, 15, pp. 28-57. Disponível em: <http://purl.pt/175>

COELHO, F. Adolfo (1890): *Diccionario Manual Etymologico da Lingua, contendo a significação e prosodia*. Portugueza. Lisboa: P. Plantier - Editor.

COELHO, F. Adolfo (1868): *A Lingua Portugueza. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade. Disponível em: <http://purl.pt/141>

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo (2007): *Sociolingüística histórica*. BRH – Manuales, 87. Madrid: Gredos.

CONSTÂNCIO, Francisco Solano (1831): *Grammatica analytica da lingua portugueza oferecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brazil*. Paris/Rio de Janeiro: Em Casa de J. P. Aillaud/Em Casa de Souza, Laemmert e C^a. Disponível em: https://books.google.pt/books/about/Grammatica_analytica_da_li%CC%A5ngua_portugu.html?id=DxQTAAYAAJ&redir_esc=y

CONTINI, Gianfranco (1986): *Breviario di Ecdotica*. Milán-Nápoles: Ricciardi.

COROMINAS, Juan & José Antonio Pascual (1981-1991): *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* (DCECH), 6 vols. Madrid: Gredos.

Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL). Berlim: Academia das Ciências. Disponível em http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/glossar.php#inschriftentraeger

COSERIU, Eugenio (1991): *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*. Rio de Janeiro: Presença.

COSTA, P. Avelino de Jesus da (1992[1979]): “Os mais antigos documentos escritos em Português. Revisão de um problema histórico-linguístico”. In: *Estudos de Cronologia, Diplomática, Paleografia e Histórico-Linguísticos*. Porto: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais.

COSTA, P. Avelino de Jesus da (1997): *Álbum de Paleografia e Diplomática Portuguesas*, Vol. I (*Estampas*). Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras.

COSTA, João (2011): “Topic prominence is not a factor of variation between Brazilian and European Portuguese”. In: H. Jacobs *et al.* (eds.), *Romance Languages and*

Linguistic Theory (Selected papers from ‘Going Romance’ Nice 2009). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 71-88.

COSTA, Sara Figueiredo (2007): *A Regra de S. Bento em Português. Estudo e edição de dois manuscritos*. Lisboa: Colibri.

COUTO, Hildo Honório do (1994): *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburgo: Helmut Buske Verlag.

CUNHA, Antônio Geraldo da (2007): *Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa. CDROM.

CUNHA, Antônio Geraldo da (1986): *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

CUNHA, Celso Ferreira da (1991): “O valor das finais -eu e -eo na língua portuguesa dos séculos XVI e XVII. In: *Estudos portugueses em homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. Lisboa: Difel, pp. 913-828 (1ª ed. In: *XVII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, vol. 3, 1985, pp. 271-278).

CUNHA, Celso Ferreira da (1981): *Língua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DALGADO, Sebastião Rodolfo (1989): *Influência do vocabulário português em línguas asiáticas*, reimpr. facsimilada da 1ª ed. Lisboa, Escher Publicações (1ª ed. 1913).

DIAS, João José Alves *et alii* (1987): *Álbum de Paleografia*. Lisboa: Editorial Estampa.

DIAS, João José Alves (1982): *Livro dos Conselhos de el-rei D. Duarte - Livro da Cartuxa de D. Duarte, Rei de Portugal*. edição diplomática. Lisboa: Estampa.

DIAS, A. Epiphany da Silva (1918): *Syntaxe Historica Portugueza*. Lisboa: Livraria Clássica Editora. Disponível em <http://purl.pt/190>

DIAZ Y DIAZ, Manuel C. (1950): *Antologia del latin vulgar*. Madrid: Gredos.

DUARTE, Luiz Fagundes (1993): *A fábrica dos textos: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz*. Lisboa: Cosmos.

DUARTE, Luiz Fagundes (1997): *Crítica textual*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Relatório apresentado a provas para a obtenção do título de Agregado em Estudos Portugueses, disciplina de Crítica Textual.

DUARTE, Luiz Fagundes (1986): *Os documentos em português da Chancelaria de D. Afonso III (edição)*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado.

ECHENIQUE ELIZONDO, M^a Teresa & Juan SÁNCHEZ MÉNDEZ (2005): *Las lenguas de un reino. Historia lingüística hispánica*. BRH – Manuales, 85. Madrid: Gredos.

EMILIANO, António (2004): “Observações sobre a «produção primitiva portuguesa» a propósito dos dois testemunhos do Testamento de Pedro Fafes de 1210”. *Verba*, vol. 30 (2003). Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico/Universidade de Santiago de Compostela, pp. 203-236.

EMILIANO, António (2003a): *Latim e Romance em Documentação Notarial da Segunda Metade do Século XI* (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas). Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia/Fundação Calouste Gulbenkian.

EMILIANO, António (2003b): “O estudo dos documentos notariais latino-portugueses e a História da Língua Portuguesa”. *Signo – Revista de Historia de la Cultura Escrita*, 11. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, pp. 77-126.

EMILIANO, António (2003c): “The textualization of Portuguese in the late 12th and early 13th centuries”. *Medioevo Romanzo*, Vol. XXVII (VIII della III Serie), Fascicolo II. Roma: Salerno Editrice, pp. 275-310.

EMILIANO, António e Susana PEDRO (2004): “*De Notícia de Torto*. Aspectos paleográficos e scriptográficos e edição do mais antigo documento particular português conhecido”. *Zeitschrift für romanische Philologie*, Herausgegeben von Günter Holtus, Band 120, Heft 1. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 1-81.

ESPÍRITO SANTO, Arnaldo, Maria Cristina PIMENTEL & Ana Paula BANZA (2010): *Sermões II*, de Padre António Vieira. Edição crítica. Lisboa: CEFi – Centro de Estudos de Filosofia/INCM.

ESPÍRITO SANTO, Arnaldo, Maria Cristina PIMENTEL & Ana Paula BANZA (2008): *Sermões I*, de Padre António Vieira. Edição crítica. Lisboa: CEFi – Centro de Estudos de Filosofia/IN-CM.

FARACO, Carlos Alberto (2016): *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola.

FEIJÓ, João de Moraes Madureira (1734): *Orthographia, ou arte de Escrever, e Pronunciar com acerto a Lingua Portugueza*. Lisboa: Na Officina de Miguel Rodrigues. Disponível em: <http://purl.pt/13>

FERNÁNDEZ REI, Francisco (1988): “Posición do Galego entre as línguas románicas”. *Verba*, 15, pp. 79-107.

FERREIRA, José de Azevedo (1989): *Flores de Dereyto*. Braga.

FERREIRA, José de Azevedo (1987): *Afonso X. Foro Real, Edição. Estudo Linguístico e Glossário*, 2 Vols. Lisboa: INIC.

FERREIRA, José de Azevedo (1980): *Alphonse X. Primeyra Partida. Édition et étude*. Braga: INIC.

FIGUEIREDO, António Cândido de (1891): *Lições práticas de Linguagem Portugueza. Cartas de Caturra Jr. à redacção do Portuguez*, vol. I. Lisboa: Imprensa Minerva.

FIORIN, José Luiz & Margarida PETTER (2013): *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Contexto.

FREIRE, Francisco José (1842): *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, escriptas por Francisco José Freire, publicada com algumas anotações pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Uteis. Disponível em <http://purl.pt/135>

FREIRE, Francisco José (1768): *Reflexões Sobre a Lingua Portugueza*, Escriptas por Francisco Joze Freire da Cong.m do Oratorio de Lisboa em 1768. Manuscrito: Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, Cod. CXIII / 2-1.

GALMÉS FUENTES, Álvaro (1962): *Las sibilantes en la Romania*. Madrid: Gredos.

GÂNDAVO, Pêro de Magalhães de (1574): *Regras que ensinam a maneira de escrever a orthographia da lingua portugueza (com hum dialogo que adiante se segue em defensam da mesma lingua)*. Lisboa: Officina de Antonio Gonsalvez. Edição fac-similada, com introdução de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. Disponível em <http://purl.pt/324/4/#/4>

GÄRTNER, Eberhard (2002): “Tentativa de explicação diacrônica de alguns fenómenos morfossintáticos do português brasileiro”. In: Tânia Maria Alkmin (org.), *Para a história do português brasileiro*, vol. III: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, pp. 293-326.

- GÄRTNER, Eberhard (1996): “Particularidades morfossintáticas do português de Angola e Moçambique”. In: *Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, nº 12, 2º semestre de 1996. Rio de Janeiro, pp. 27-58.
- GÄRTNER, Eberhard (1990): “Modifications de la langue portugaise au début du XIXe siècle et leurs bases sociales”. In: *Wissenschaftliche Zeitschrift der Karl-Marx-Universität Leipzig*, 39/40, pp. 407-410.
- GARVÃO, Maria Helena (1990): *Foros de Garvão*, Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado.
- GODINHO, Hélder (1986): *Prosa Medieval Portuguesa*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- GONÇALVES, Elsa & Maria Ana RAMOS (1985): *A lírica galego-portuguesa (textos escolhidos)*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- GONÇALVES, Maria Filomena (2017): “Variação, diversidade e contacto interlinguístico no corpus do Dicionário Histórico do Português do Brasil (sécs. XVI a XVIII)”. In: António Manuel Ferreira *et al.*, *Pelos mares da língua portuguesa 3*. Aveiro: UA Editora, pp. 341-357. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/18281>
- GONÇALVES, Maria Filomena (2015): “Aspectos de la morfología portuguesa en el siglo XVIII: Las *Reflexões* (1768/1842) de Francisco José Freire”. In: A. G. Senosián *et al.* (eds.), *Lenguas, lenguaje y lingüística. Contribuciones desde la Lingüística General*. Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, pp. 529-538.
- GONÇALVES, Maria Filomena (2007a): “A «arte de pontuar» no século XVI e os *Tratados* de Fernão Cardim”. *Estudos Linguísticos*, vol. XXXVI (2), maio-agosto. São Paulo, pp. 3-21.
- GONÇALVES, Maria Filomena (2007b): “A variação lexical no discurso metalinguístico de Setecentos: apontamentos sobre o arcaísmo”. In: Clotilde de A. A. Murakawa & Maria Filomena Gonçalves (orgs.), *Novas contribuições para a História e Historiografia da Língua Portuguesa*, Série Trilhas Linguísticas, 11. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, pp. 45-73.
- GONÇALVES, Maria Filomena (2003): *As ideias ortográficas em Portugal – De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia / Ministério da Ciência e Ensino Superior.
- GONÇALVES, Maria Filomena (1995) : “Le groupe consonantique sc^e.ⁱ en portugais. Etude synchronique et diachronique”. In : *Actes du XIX Colloque International de*

Linguistique Fonctionnelle, Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, pp.63-67.

GONÇALVES, Maria Filomena (1992): *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII. Para uma história da ortografia portuguesa*, Lisboa: ICALP.

GONÇALVES, Maria Filomena (1991): “Notas para a história da pronúncia portuguesa – o testemunho de ortografistas portugueses do século XVIII”. In: *VI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Actas)*. Porto, 1990, pp.145-154.

GONÇALVES, Maria Filomena & Ana Paula BANZA (coords.) (2014a): *Património textual e Humanidades digitais – Da antiga à nova filologia*. Biblioteca – Estudos & Colóquios, Série E-books, nº 1. Évora: CIDEHUS-UE. Disponível em: <http://books.openedition.org/cidehus/1073>

GONÇALVES, Maria Filomena & Ana Paula BANZA (2014b): “Fontes metalinguísticas para a história do português clássico – O caso das *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*”. In: Maria Filomena Gonçalves e Ana Paula Banza, *Património textual e Humanidades digitais – Da antiga à nova filologia*. Biblioteca – Estudos & Colóquios, Série E-books, nº 1. Évora: CIDEHUS-UE, pp. 73-111.

GONÇALVES, Perpétua (2013): “O português em África”. In: Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et alii* (org.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 157-178.

GONÇALVES, Perpétua (2009[2005]): “A formação de variedades africanas do Português: argumentos para uma abordagem multidimensional”. In: *A Língua Portuguesa: Presente e Futuro*, 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 223-242.

GONÇALVES, Perpétua (1983): “Situação actual da língua portuguesa em Moçambique”. In: *Actas do Congresso sobre a Situação actual da Língua Portuguesa no Mundo*, I. Lisboa, pp. 243-251.

GONÇALVES, Rui (1992[1557]): *Dos privilegios & praerogativas θ ho genero feminino tẽ por direito comũ & ordenações do Reyno mais ho género masculino*. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional.

GRÉSILLON, Almut (1994) : *Éléments de critique génétique. Lire les manuscrits*. Paris: PUF-CNRS.

- GROSSE, Sybille (2014): «Le portugais en dehors de l'Europe». In: Andre Klump, Johannes Kramer & Aline Willems (eds.): *Manuel des langues romanes*. MRL, 1. Berlin / Boston: De Gruyter Mouton, pp. 649-674.
- HAGEMEIJER, Tjerk (2016): “O português em contacto em Africa”. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. MRL, 16. Berlin / Boston: De Gruyter Mouton, pp. 43-67.
- HART, Thomas R. (1955): “Notes on the sixteenth-century portuguese pronunciation”. *Word*, vol. XI, pp. 404-415.
- HEGER, Klaus (1960): *Die bisher veröffentlichten Hargas und ihre Deutungen*. Tübingen.
- HERMAN, Josef (²1975[1967]) : *Le latin vulgaire*. Paris: PUF.
- HOCK, Hans Henrich & B. JOSEPH (1996): *Language History, Language Change and Language Relationship*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- HOCK, Hans Henrich (1986): *Principles of Historical Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- HOLM, John (1989): *Pidgins and creoles*, 2 vols. Cambridge.
- HOLT, D. Eric (2016): “From Latin to Portuguese: main phonological changes”. In: W. Leo Wetzels, Sergio Menuzzi & João Costa (eds.), *The Handbook of Portugueses Linguistics*. Malden/Oxford: Wiley Blackwell, pp. 456-470.
- HOUAISS, Antônio & Mauro Villar (2015): *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 6 vols. Lisboa: Círculo de Leitores.
- HOUAISS, Antônio *et alii* (2002): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- HOUAISS, Antônio *et alii* (2001): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1.0. Rio de Janeiro: Instituto Houaiss [CDRom].
- HÜBER, Joseph (²1986[1933]): *Gramática do Português Antigo*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ILARI, Rodolfo (2013): “O português no contexto das línguas românicas”. In: Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et alii* (org.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.49-66.

- IORDAN, Iorgu (1962): *Introdução à Lingüística Românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LABOV, William (1994): *Principles of Linguistic Change. Internal Factors*. Oxford: Blackwell.
- LABOV, William (2006[1994]): *Principios del cambio lingüístico*, vol. 1: Factores sociales (versión esp. P. Martín Butragueño; orig. *Principles of Linguistics Change*. Oxford: Blackwell, 1994). Madrid: Gredos.
- LAPESA, Rafael (⁹1986[1942]): *Historia de la lengua española*. Madrid: Gredos.
- LAUSBERG, Heinrich (²1974[1956, 1962]), *Lingüística Românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LAVAGNINO, John (1995): “Reading, Scholarship, and Hypertext Editions”. *TEXT: Transactions of the Society for Textual Scholarship*, vol. 8, pp.109-124.
- LEÃO, Duarte Nunes de (1606): *Origem da Lingoa Portuguesa*. Lisboa: Pedro Crasbeck. Disponível em <http://purl.pt/50>
- LEÃO, Duarte Nunes (1576): *Ortographia da língua portugueza*. Lisboa: João de Barreira. Disponível em: <http://purl.pt/15>
- LEÃO, José Barbosa (1875): *Considerações sobre a orthographia portugueza*. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira.
- LIGHFOOT, David (1999): *The development of language acquisition, change and evolution*. Massachusetts: Oxford, Backwell.
- LIMA, Luís Caetano de (1736): *Orthographia da Lingua Portugueza*. Lisboa: Na Officina de António Isidoro. Disponível: <http://purl.pt/8>
- LLEAL, Coloma (1990): *La formación de las lenguas romances oeninsulares*. Temas Universitarios. Barcelona: Barcanova.
- LOBATO, António José dos Reis (1770): *Arte da grammatica da língua portugueza*. Lisboa: Na Regia Officina Typographica. Disponível em: <http://purl.pt/196>
- LOBO, Tânia (1996): “A sintaxe dos clíticos”. In: Rosa Virgínia Mattos e Silva (org.), *A Carta de Caminha. Testemunho Lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBA, pp. 85-115.
- LOBO, Tânia et alii (orgs.) (2012): *Rosae – Lingüística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA.

- LOPES, David (²1969 [1936]): *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos sécs. XVI, XVII e XVIII*. Porto: Portucalense.
- LUCCHESI, Dante (2015): *Língua e sociedade partidas. A polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto.
- LUCCHESI, Dante (1998): *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa: Colibri.
- LUND, Christopher (1980): *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista. Estórias e ditos galantes que sucederão e se desserão no Paço. Contendo matéria bibliográfica inédita de Luís de Camões e outros escritores do século XVI*. Coimbra: Livraria Almedina.
- MAAS, Paul (1984): *Critica del Testo*. Trad. de Nello Martinelli. Firenze: Felice le Monnier.
- MACHADO, José Pedro (³2003[1981]): *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 vols. Lisboa: Livros Horizonte.
- MACHADO, José Pedro (³1977[1952-1959]): *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio (2013): *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*. Salvador: EDUFBA.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha (1941): *Livro Verde da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Publicações do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra.
- MAGALHÃES, Alfredo Coelho de (1914): *Chronica d'el Rei D. Duarte de Rui de Pina*. Porto: Renascença Portuguesa.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (2012): “Linguística Histórica e Filologia”. In: Tânia Lobo *et alii* (orgs.), *ROSAE – Linguística Histórica, História das Línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, pp. 533-542.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (2003): “Para a história do sistema de sibilantes em português. Algumas reflexões sobre a cronologia da mudança fonológica. In: C. Alemany Bay *et alii* (eds.), *Con Alonso Zamora Vicente* (Actas del Congreso Internacional «La lengua, la Academia, lo popular, los clásicos, los contemporáneos...»), vol II. Universidad de Alicante, pp. 783-791.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (²2002[1996]): *O galego visto pelos filólogos e linguistas portugueses*. Lisboa: Cátedra de Estudos Galegos/Colibri.

MAIA, Clarinda de Azevedo (1999): “Periodização na história da língua portuguesa: *status quaestionis* e perspectivas de investigação futura”. In: Eberhard Gärtner *et alii* (eds.), *Estudos de História da Língua Portuguesa*. Biblioteca Luso-Brasileira. Frankfurt am Main: TFM, pp. 21-39.

MAIA, Clarinda de Azevedo (1995a): “Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre português arcaico e português moderno”. *Diacrítica*, 10, pp. 1-30.

MAIA, Clarinda de Azevedo (1995b): *História da Língua Portuguesa. Guia de Estudo*. Coimbra.

MAIA, Clarinda de Azevedo (1986): *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao séc. XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.

MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.) (1990, 1992): *Chancelarias Portuguesas – D. Afonso IV*. vol. I (1990), vols. II, III (1992). Lisboa: INIC.

MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.) (1984): *Chancelarias Portuguesas – D. Pedro I*. Lisboa: INIC.

MARQUES, Irene Guerra (1983): “Algumas considerações sobre a problemática linguística de Angola”. In: *Actas do Congresso sobre a Situação actual da Língua Portuguesa no Mundo*, I, Lisboa, pp. 205-223.

MARQUILHAS, Rita (2013): “Fenómenos de mudança na história do português”. In: Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et alii* (org.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 17-45.

MARQUILHAS, Rita (2010): “Filologia”; “Tradição (na Filologia)”; “Aparato Crítico (*apparatus criticus*)”. In: Carlos Ceia, *E - Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: www.edtl.com.pt.

MARQUILHAS, Rita (2003): “Mudança analógica e elevação das vogais pretónicas”. In: Ivo Castro & Inês Duarte (eds.), *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*, II. Lisboa: INCM, pp. 7-18.

MARQUILHAS, Rita (2000): *A faculdade das letras. Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: INCM.

MARQUILHAS, Rita (1996): “Mudança linguística”. In: Isabel Hub Faria *et alii* (orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 563-588.

MARQUILHAS, Rita (1991): *Norma Gráfica Setecentista. Do Autógrafo ao Impresso*, Lisboa: INIC.

MARQUILHAS, Rita & Iris HENDRICKX (2016): “Os avanços em Humanidades digitais”. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. MRL, 16. Berlin / Boston: De Gruyter Mouton, pp.252-277.

MARTÍNEZ SALAZAR, Andrés (1911): *Documentos gallegos de los siglos XIII a XVI*. Corunha: Imprenta de la Casa de la Misericordia.

MARTINS, Ana Maria (2016): “O português numa perspetiva diacrónica e comparativa”. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. MRL, 16. Berlin / Boston: De Gruyter Mouton, pp. 1-40.

MARTINS, Ana Maria (2013): “Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia”. In: Rosario Álvarez, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo & Maria Ana Ramos (eds.), *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela/Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 383-402.

MARTINS, Ana Maria (2011): “Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino”. *Estudos de Lingüística Galega*, 3, pp. 55-83. Disponível em: www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/download/339/339

MARTINS, Ana Maria (2007): “O primeiro século do português escrito”. In: Ana Boullón Agrelo (ed.), *Na Nosa Lyngoage Galega. A Emerxencia do Galego como Lingua Escrita na Idade Media*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega & Instituto da Lingua Galega, pp. 161-184.

MARTINS, Ana Maria (2006): “Para a história do vocalismo átono português: a propósito do Testamento de D. Afonso II de 1214”. *Miscelânea de Estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho (Revista Portuguesa de Filologia, 35, 2003-2006)*, 1, pp. 295-319.

MARTINS, Ana Maria (2004a): “A emergência do português escrito na segunda metade do século XII”. In: Rosario Álvarez & Antón Santamarina (eds.), *(Dis)cursos da Escrita: Estudos de filoloxía galega ofrecidos en memoria de Fernando R. Tato Plaza*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, pp. 491-526.

MARTINS, Ana Maria (2004b): “Ambiguidade estrutural e mudança linguística: a emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos

e perceptivos”. In: *Linguística histórica e história da língua portuguesa* (Actas do encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva). Porto: Faculdade de Letras, pp.197-225.

MARTINS, Ana Maria (2003): “Variação e Mudança no Português”. *A Língua Portuguesa: Actas dos IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais - 2002*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais & Instituto de Estudos Sociais, pp. 29-44.

MARTINS, Ana Maria (2002): “Mudança sintáctica e História da Língua Portuguesa”. In: Brian F. Head *et alii* (eds.), *História da Língua e História da Gramática: Actas do Encontro*. Braga: Universidade do Minho/ILCH, pp.251-297.

MARTINS, Ana Maria (2001a): *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa. Da produção primitiva ao século XVI*. Lisboa: INCM.

MARTINS, Ana Maria (2001b): “Emergência e generalização do português escrito. De D. Afonso Henriques a D. Dinis”. In: Maria Helena Mira Mateus (coord.), *Caminhos do Português. Exposição comemorativa do Ano Europeu das Línguas. Catálogo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, pp. 23-75.

MARTINS, Ana Maria (1999): “Ainda «os mais antigos textos escritos em português», Documentos de 1175 a 1252”. In: Isabel Hub Faria (ed.), *Lindley Cintra. Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Lisboa: Edições Cosmos/Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, pp. 491-534.

MARTINS, Ana Maria (1995): “A evolução das vogais nasais ã, õ, e no português”. In: Cilene da Cunha Pereira & Paulo R. D. Pereira (eds), *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários. In Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, pp. 617-648.

MARTINS, Ana Maria (1994): *Clíticos na História do Português*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Dissertação de Doutoramento.

MARTINS, Ana Maria & Cristina ALBINO (1998): “Sobre a primitiva produção documental em português: notícia de uma *notícia de auer*”. In: Dieter Kremer (ed.), *Homenaxe a Ramón Lorenzo*, Vol. I. Vigo: Galaxia, pp. 105-112.

MATEUS, Maria Helena Mira (2005): “Mudança da língua no tempo e no espaço”. In: Maria Helena Mira Mateus & Fernanda Bacelar do Nascimento (orgs.), *A língua portuguesa em mudança*. Lisboa: Caminho, pp. 23-30.

MATEUS, Maria Helena Mira (coord.) (2002): *As línguas da Península Ibérica*. Lisboa: Colibri.

- MATEUS, Maria Helena Mira (coord.) (2001): *Mais línguas, mais Europa*. Lisboa: Colibri.
- MATEUS, Maria Helena Mira (1970): *Vida e Feitos de Júlio César. Ed. crítica da tradução portuguesa quatrocentista de «Li Fet des Romanins»*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MATEUS, Maria Helena Mira & Esperança CARDEIRA (2007): *Norma e Variação*, Lisboa: Caminho.
- MATEUS, Maria Helena Mira & Fernanda Bacelar do NASCIMENTO org. (2005): *A língua portuguesa em mudança*. Col. Universitária. Lisboa: Caminho.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2013): “O português do Brasil”. In: Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et alii* (org.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 145-154.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2008): *Caminhos da Linguística Histórica – ouvir o inaudível*. São Paulo: Editorial Parábola.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2006): *O português arcaico (fonologia, morfologia e sintaxe)*. São Paulo: Editora Contexto.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2004): *Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2002): “A variação ser/ter e haver/ter nas Cartas de D. João III entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros”. In: Rosa Virgínia Mattos e Silva & Américo Venâncio Lopes Machado Filho (orgs.), *O português quinhentista. Estudos Lingüísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS, pp. 143-160.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.) (1996): *A Carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador: EDUFBA.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989): *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: INCM.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (1971): *A mais antiga versão portuguesa dos ‘Quatro livros dos diálogos’ de São Gregório*. Edição crítica com Introdução e Índice Geral das palavras lexicais, 4 vols. São Paulo: Universidade de São Paulo. Dissertação de Doutorado.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia & Américo Venâncio Lopes MACHADO FILHO (orgs.) (2002): *O Português Quinhentista. Estudos Linguísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS.

MATTOSO, José (dir.) (1992): *História de Portugal*, Primeiro Volume (Antes de Portugal). Lisboa: Círculo de Leitores.

MATTOSO, José (1980): *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. PMH*. Nova Série, II/1. Lisboa: Academia das Ciências.

MEGALE, Heitor *et alii* (1999): *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Reprodução fac-similada com leitura justalinear. São Paulo: Humanistas.

MEIER, Harri (²1961[1959]): “Sobre o superstrato visigótico no vocabulário hispano-português”. *Boletim de Filologia* XVIII, pp. 67-70.

MEIER, Harri (1948): “A formação da língua portuguesa”. In: *Ensaio de Filologia Românica*. Lisboa: Edição da Revista de Portugal, pp. 5-30.

MEIER, Harri (1943): “A evolução do português dentro do quadro das línguas ibero-românicas”. *Biblos* XVIII, t. II, pp. 497-515.

MELO, Francisco Manuel de (1651): *Carta de guia de casados*. Texto digitalizado por Daniel Neto Rocha. Disponível em: <http://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/cecppc/textosempdf/05cartadeguiadecasados>

MELO, Francisco Manuel de (1968[1651]): *O escritório aarento*. Texto digitalizado por Daniel Neto Rocha. Disponível em: <http://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/cecppc/textosempdf/09oescritorioavarento>

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (⁹1980[1926]): *Orígenes del Español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*. Madrid: Espasa-Calpe.

MERÊA, M. Paulo (1917): “A versão Portuguesa das *Flores de las Leyes* de Jacóme Ruiz”. *Revista da Universidade de Coimbra*, 6, pp.341-371.

MESSNER, Dieter (2002): “Conjecturas sobre a periodização da língua portuguesa”. In: Gladis Massini-Cagliari *et alii* (orgs.), *Descrição do português: Linguística Histórica e Historiografia Linguística*. Série Trilhas Linguísticas, 3. Araraquara/FCL: Cultura Acadêmica Editora, pp. 97-117.

MESSNER, Dieter (1994): “Portugiesich. Periodisierung. In: *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. 6, n° 12. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 618-619.

METTMANN, Walter (1959-1972): *Cantigas de Santa Maria*, 4 vols. Coimbra.

MONTE CARMELO, Frei Luis do (1767): *Compendio de Orthografia, com sufficientes Catálogos, e novas Regras [...]*. Lisboa: Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. Disponível em <http://purl.pt/9>

MORAIS SILVA, Antônio de (1813): *Diccionario da lingua portugueza* –recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva, Lisboa: Typographia Lacerdina. Disponível em <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>

MUNTEANU COLÁN, Dan (²2013[2005]): *Breve historia de la lingüística románica*, Madrid: Arco/Libros.

MURAKAWA, Clotilde A. A. & Maria Filomena GONÇALVES (2007): *Novas contribuições para o estudo da História e da Historiografia da Língua Portuguesa*. Série Trilhas Lingüísticas, 11. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.

NARO, Anthony Julius & Maria Marta Pereira SCHERRE (2007): *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.

NETO, Serafim da Silva (⁶1992[1952-1957]): *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença.

NETO, Serafim da Silva (²1977[1957]): *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livro Técnico.

NETO, Serafim da Silva (1960): *A língua portuguesa no Brasil. Problemas*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

NETO, Serafim da Silva (1959-1960): “Regra de São Bento. Ed. crítica da mais antiga versão portuguesa acompanhada de breves notas filológicas”. *Revista Brasileira de Filologia*, 5, I-II. Rio de Janeiro, pp. 21-46.

NETO, Serafim da Silva (1956): “Fragmentos de uma tradução medieval portuguesa (fins do século XIV) de um *Livro das Aves*, de autor anónimo”. In: *Textos Medievais Portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, pp. 40-45 e pp. 104-105.

NETO, Serafim da Silva (1950): *Diálogos de São Gregório. Edição crítica segundo os três manuscritos conhecidos*. Coimbra: Atlântida.

NETO, Serafim da Silva (1947): “Vida de S. Nicolau”. *Boletim de Filologia* A.2. Rio de Janeiro, pp. 233-238.

- NETO, Serafim da Silva (1946): *Fontes do latim vulgar* (O Appendix Probi). Edição comentada. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- NOLL, Volker & Wolf DIETRICH (orgs.) (2010): *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto.
- NUNES, Eduardo Borges (1981): *Abreviaturas paleográficas portuguesas*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras.
- NUNES, Eduardo Borges (1969): *Álbum de paleografia portuguesa medieval*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos/Instituto de Alta Cultura.
- NUNES, Irene Freire (1995): *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa: IN-CM.
- NUNES, José Joaquim (⁹1989[1919]): *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Clássica Editora.
- NUNES, José Joaquim (1922-26): “Evolução da Língua Portuguesa exemplificada em duas lições principalmente da mesma versão da Regra de S. Bento e ainda nos fragmentos da mais antiga que se conhece”. *Boletim da Classe de Letras (Antigo Boletim da Segunda Classe)*, vol. XIV, 1922, pp. 222-313; vol. XV, 1922, pp. 224-262 e pp. 929-972; vol. XVI, 1926, pp. 588-637.
- NUNES, José Joaquim (²1921[1906]): *Crestomatia Arcaica – Excertos da Literatura Portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI*. Lisboa/Rio de Janeiro: Portugal-Brasil Limitada/Companhia Editora Americana. Disponível em <https://archive.org/stream/crestomatiaarcai00nune#page/n41/mode/2up>
- OLIVEIRA, Corrêa de & Luís Saavedra MACHADO (1974): *Textos Portugueses Medievais*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.
- OLIVEIRA, Fernão de (1536): *Grammatica da lingoagem portuguesa*, Lisboa: e[m] casa d’Germão Galharde. Disponível em <http://purl.pt/120>. Ed. fac-similada, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1988.
- ORDUNA, Gérman (2005): *Fundamentos de crítica textual* (Ed. de Leonardo Funes y José Manuel Lucía Megías). Madrid: Arco/Libros, S. L.
- OSSENKOF, Christina (2014): “Le portugais en Europe”. In: Andre Klump, Johannes Kramer & Aline Willems (eds.): *Manuel des langues romanes*. MRL, 1. Berlin / Boston: De Gruyter Mouton, pp. 629-648.

- PAIVA, Maria Helena (2004): “Juízos explícitos e norma linguística nos gramáticos portugueses quinhentistas”. In: Ana Maria Brito *et alii* (orgs.), *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa*, Porto, pp. 275-298.
- PAIVA, Maria Helena (2002): *Os Gramáticos Portugueses Quinhentistas e a fixação do Padrão Linguístico. Contribuição da informática para o estudo das relações entre funcionamento, variação e mudança*, Porto: Universidade do Porto/ Faculdade de Letras. Dissertação de Doutoramento.
- PEDRO, Susana (2004): “Tipologia diplomática de documentos privados não-dispositivos: notícia e inventário”, mesa-redonda sobre “A antiga documentação de Portugal”. In: *Actas do XIX Encontro Anual da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, pp. 71-78.
- PEDRO, Susana (1994): *De Notícia de Torto*. Lisboa: Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado.
- PEREIRA, Dulce (2006): *Crioulos de base portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- PEREIRA, Gabriel (1885-1887): *Documentos históricos da cidade de Évora*. Évora: Typographia da Casa Pia (Parte I) e Typographia Económica de José d’Oliveira (Parte II).
- PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel (1997): *La edición de textos*. Madrid: Síntesis.
- PIEL, Joseph-Marie (1989): *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Col. Estudos Gerais/Série Universitária. Lisboa: IN-CM.
- PIEL, Joseph-Marie (1988): *A Demanda do Santo Graal* (Edição concluída por Irene Freire Nunes, com Introdução de Ivo Castro). Lisboa: INCM.
- PIMENTA, Alfredo (1946): *Fuero Real de Afonso X, o Sábio. Versão portuguesa do séc. XIII*. Lisboa: IPAC.
- PINHEIRO, D. António (1985[1551]): *Sumario da pregação fúnebre e trasladação dos dos ossos d’El Rey Dom Manuel*. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- PINTO, Adelina Angélica (1980): “A neutralização da oposição fonológica v/b em português: estudo sincrónico e diacrónico”. *Biblos*, LVI, pp. 599-651.
- PINTO, Fernão Mendes (1614): *Peregrinaçam que fez Fernam Mendez Pinto [...]*: Lisboa: por Pedro Craesbeeck. Disponível em: <http://purl.pt/82>
- PISAN, Christine (1987[1518]): *O espelho de Cristina*. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional. Edição original, disponível em: <http://purl.pt/15289>

PONS RODRÍGUEZ, Lola (2010): *La lengua de ayer. Manual práctico de Historia del Español*. Madrid: Arco/Libros.

PONS RODRÍGUEZ, Lola (ed.) (2006): *Historia de la Lengua y Crítica Textual*, Madrid: Iberoamericana.

Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores (1856): I, fasc. II. Os Livros de Linhagens, III. Lisboa, pp. 184-229. Disponível em <http://purl.pt/12270/3>

Portugaliae Monumenta Historica (1856/1868): Leges et Consuetudines, I, II. Disponível em <http://purl.pt/12270/3>

Portugaliae Monumenta Historica (1888, 1917): Inquisitiones I, II. Disponível em <http://purl.pt/12270/3>

PRISTA, Luís (1994): “Tentativa de cenário para tš > š”. In: *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade*. Lisboa: APL, pp. 182-226.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et alii* (2013): *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Volume I - Parte 1: História e Geografia do Português.

RESENDE, Garcia de (1516): *Cancioneiro geral* [...]. Lisboa: per Hermã de Cãmos. Disponível em: <http://purl.pt/12096>

RETO, Luís Antero, Fernando Luís MACHADO & José Paulo ESPERANÇA (2016): *Novo Atlas da Língua Portuguesa/New Atlas of the portuguese Language*. Lisboa: ISCTE/IUL- Instituto Camões.

RIBEIRO, João Pedro (1810): *Dissertações Chronologicas e Críticas sobre a História e a Jurisprudência Eclesiástica e Civil de Portugal*, Dissertação V, Tomo I. Lisboa: Real Academia das Sciencias, pp. 176-193. Disponível em <http://purl.pt/12115/4>

RIBEIRO, Maria José F. Homem (1994): *Edição dos documentos medievais do Cartório de Santa Eufémia de Ferreira de Aves*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado.

RIBEIRO, Orlando (1998[1945]): *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa. Disponível em <http://purl.pt/421>

RODRIGUES, Celeste (2016): “Variação sociolinguística”. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. MRL, 16. Berlin / Boston: De Gruyter Mouton, pp.98-115.

- RODRIGUES, Celeste (1990): *Dos costumes de Santarém*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado.
- RODRIGUES, Manuel Augusto e Maria Teresa Nobre VELOSO (1990): *Livro Verde da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.
- ROMAINE, Suzanne (1988): *Pidgin & Creole Languages*. New York: Longman.
- ROHLFS, Gerhard (1979): *Estudios sobre el Léxico Románico*, Reelaboração parcial e notas de Manuel Alvar. BRH. Madrid: Gredos.
- ROSSI, N. (dir.) et al. (1965): *Livro das Aves*. Reprodução fac-similar do manuscrito do século XIV, introdução, leitura crítica, notas e glossário. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- ROUDIL, Jean (dir.) (2000): *Edição do manuscrito português das Flores de Dereyto, La Tradition d'écriture des 'Flores de Derecho'. Construction et étude*, Tome I., Vol. I. Paris: Publ. du Séminaire d'Etudes Médiévales Hispaniques de l'Université Paris 13, pp. 200-297.
- SAMPSON, Rodney (1983): "The origin of portuguese -ão". In: *Zeitschrift für Romanistische Philologie*, 99, pp. 33-68.
- SANTOS, Isabel Maria de Almeida (2006): *Norma e codificação. A produção linguístico-gramatical portuguesa*. Universidade de Coimbra/Faculdade de Letras. Tese de Doutoramento.
- SEGURA, Luísa (2013a): "Geografia da língua portuguesa". In: Eduardo Buzaglo Paiva Raposo et alii (org.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 71-81.
- SEGURA, Luísa (2013b): "Variedades dialetais do português europeu". In: Eduardo Buzaglo Paiva Raposo et alii (org.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 85-142.
- SEGURA, Luísa e João SARAMAGO (2001): "Variedades dialectais portuguesas". In: Maria Helena Mira Mateus (coord.), *Caminhos do Português – Exposição comemorativa do Ano Europeu das Línguas. Catálogo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, pp. 219-240.
- SOARES DA SILVA, Augusto (2014): *Pluricentricity: Language Variation and Sociocognitive Dimensions*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- SOARES DA SILVA, Augusto (2013): "Linguística cognitiva y cambio semántico: protótipos, metáfora-metonimia y subjetivización". In: A. Puigvert Ocal & S. Iglesias

Recuero (eds.), *Trabajos de Semántica y Pragmática Históricas. Aportación de nuevos métodos*. Madrid: Editorial Complutense, pp. 191-217.

SOARES DA SILVA, Augusto, Amadeu TORRES & Miguel GONÇALVES (2011): *Línguas pluricêntricas: Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas / Pluricentric Languages: Linguistic Variation and Sociocognitive Dimensions*. Braga: Aletheia/ Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

SOUTO CABO, José António (2008): *Documentos galego-portugueses dos séculos XII e XIII*. *Revista Galega de Filoloxía*, Monografía 5. A Coruña: Universidade da Coruña/ Área de Filoloxías Galega e Portuguesa.

SOUTO CABO, José António (2004): “Novas perspectivas sobre a génese da *scripta* romance na área galego-portuguesa. Textos e contextos”. *Aemilianense* I. Logroño, pp. 569-599.

SOUTO CABO, José António (2003): “Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa. Documentos do século XII”. *Diacrítica*, 17, pp. 329-385.

SPAGGIARI, Barbara & Maurizio PERUGI (2004): *Fundamentos da Crítica Textual (História, metodologia, exercícios)*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

SPINA, Segismundo (1977): *Introdução à Edótica*. São Paulo: Editora Cultrix.

SPONER, Margot (1934): “Documentos antigos de Galicia”. *Anuari de l’Oficina Romànica de Lingüística. Literatura*, 7, pp.113-192.

TARALLO, Fernando (1990): *Tempos lingüísticos. Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis (2011): “O trabalho da Filologia textual: descortinando alguns aspectos do movimento abolicionista na Bahia”. In: *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia - Cadernos do CNLF*, vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, pp. 846-853.

TEYSSIER, Paul (2005): *A língua de Gil Vicente*. Lisboa: INCM.

TEYSSIER, Paul (1990[1981]): “Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV^e, XV^e et XVI^e siècles”. In: *Etudes de Littérature et de Linguistique*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, pp. 161-198.

TEYSSIER, Paul (1987[1980]): *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora.

- TIMPANARO, Sebastiano (1985): *La genesi del metodo del Lachmann*. Padua: Liviana.
- TOMÁS, Maria Isabel & Dulce PEREIRA (s.d.): *Os espaços do crioulo. Textos nos crioulos de base portuguesa*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- TOMÉ, J. L. Pensado (1962): *Fragmento de un 'Livro de Tristán' galaico-português. Ed. e estudo*. Santiago de Compostela: Cons. Sup. de Investigaciones Científicas.
- TRANCOSO, Gonçalo Fernandes (1982[1575]): *Contos & historias de proveito & exemplo*. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Tratado notável de hũa pratica que hũ lavrador teve com hũ Rey da Persia que se chamava Arsano feyto per hũ persio per nome Codio Rufo* (1990[1560]): Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- VÄÄNÄNEN V. (1988): *Introducción al latín vulgar*. Biblioteca Universitaria. Madrid: Gredos.
- VÄÄNÄNEN V. (1937): *Le latin Vulgaire des Inscriptions Pompéiennes*. Helsinki: Imprimerie de la Société de Littérature Finnoise.
- VALDEAVELLANO, Luís Garcia de (1968): *Curso de Historia de las Instituciones Españolas* (de los orígenes al final de la Edad Media). Madrid: Revista de Occidente.
- VALENTE, André C. (org.) (2015): *Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola.
- VALVERDE, José Figueira (1985): *Cantigas de Santa Maria*. Madrid: Castalia.
- VÁRVARO, Alberto (1988): *Historia, problemas y métodos de la lingüística románica*. Barcelona.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1904), *Cancioneiro da Ajuda. Edição crítica*, Halle.
- VASCONCELOS, José Leite de (³1959[1911]): *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- VASCONCELOS, José Leite de (1926): *Lições de Filologia Portuguesa*, 2^a ed. melhorada. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.
- VASCONCELOS, José Leite de (1970): *Textos Arcaicos*. Para uso da aula de Filologia Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

VÁZQUEZ CUESTA, Pilar (2002[1995]): *O que um falante de português deve saber acerca do galego. Pequena achega*. Lisboa: Colibri.

VEIGA, Albino de Bem (1959): *Virgeu de Consolaçom*. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia.

VENÂNCIO, Fernando (2014): “O castelhano como vernáculo do português”. *Limite – Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonia*, 8, pp. 127-146.

VERA, Álvaro Ferreira de (1574): *Regras que ensinam a maneira de escrever e a Ortografia da Língua Portuguesa, com o diálogo que adiante se segue em defesa da mesma língua*. Edição fac-similada com introdução de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. Disponível em <http://purl.pt/324>

VERDELHO, Evelina (1994): *Livro das Obras de Garcia de Resende*. Edição crítica, estudo textológico e linguístico. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

VERDELHO, Telmo (2008): *O encontro do português com as línguas não europeias. Exposição de textos interlinguísticos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

VERDELHO, Telmo (1987): “Latinização na história da língua portuguesa. O testemunho dos dicionários”. *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXIII, pp. 157-187.

VERNEY, Luís António (1746): *Verdadeiro metodo de estudar*, 2 vols. Valensia: Na Officina de Antonio Balle. Disponível em: <http://purl.pt/118>

VIANA, A. R. Gonçalves (1892): *Exposição da pronuncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros*. Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em: <http://purl.pt/146>

VIANA, A. R. Gonçalves (1973[1883]): *Estudos de fonética portuguesa*. Lisboa: IN-CM. (*Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*. *Romania*, 12, pp. 29-98). Disponível em: <http://purl.pt/192>

VIARO, Mário Eduardo (org.) (2014): *Morfologia histórica*. São Paulo: Cortez Editora.

VIARO, Mário Eduardo (2011): *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto.

VIARO, Mário Eduardo (2004): *Por trás das palavras – Manual de etimologia do Português*. São Paulo: Editora Globo.

VICENTE, Gil (1562): *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente a qual se reparte em cinco liuros [...]*. Lixboa: Em casa de Ioam Alvarez. Disponível em: <http://purl.pt/15106>

- VILLALVA, Alina & João Paulo SILVESTRE (2014): *Introdução ao estudo do léxico. Descrição e análise do Português*. Petrópolis: Editora Vozes.
- VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de (²1865[1798]): *Elucidário das palavras, termos e frases que antigamente se usaram*. 2ª ed. revista, correcta e copiosamente adicionada de novos vocábulos, observações e notas críticas com um índice remissivo. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes. Disponível em: <http://purl.pt/13944>
- WARTBURG, Walther von (1952): *La fragmentación lingüística de la Romania*. Madrid: Gredos.
- WEINREICH, U., W. LABOV & M. HERZOG (1968): “Empirical foundations dor a theory of language change”. In: W. Lehmann e Y. Malkiel (eds.), *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, pp.97-195.
- WEST, Martin L. (²2002[1973]): *Crítica Textual e Técnica Editorial*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- WETZELS, W. Leo, João COSTA & Sergio MENUZZI (2016): *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Malden MA: Wiley Blackwell.
- WILLIAMS, Edwin B. (⁵1991[1938]): *Do Latim ao Português (Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- WRIGHT, Roger (1989): *Latín tardío y romance temprano. En España y la Francia carolingia*. BRH – Estudios y ensayos, 369 (ed. orig. ingl, 1982). Madrid: Gredos.
- XOVE, Xosé (1988): “Notas sobre a orixe da oposición /a/-/v/ en portugués: levámos/levamos”. In: Dieter Kremer (ed.), *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 461-496.

3.2. Textos de trabalho

3.2.1. Latim vulgar e romance moçárabe

- *Appendix Probi*. Edição: S. S. Neto (1946).
 - Excertos de outras fontes, nomeadamente inscrições (CIL), graffiti (Väänänen 1937), obras técnicas e literárias, em diferentes edições.
 - *Hardjas*.
- Edições: Heger (1960).

3.2.2. Séculos XII/XIII–XIV

Textos não literários:

Documentos régios:

- Testamento de Afonso II.

Edições: Ex. de Lisboa: Azevedo (1903-1905); Vasconcelos (1911); Costa (1979); ex. de Toledo: Costa (1979); Castro (1991): 197-202 e Castro (2006): 111-117.

- 34 documentos em português da *Chancelaria de Afonso III*.

Edições: Duarte (1986); Banza (1992).

- Chancelarias reais a partir de D. Dinis. Edições: Marques (1984, 1990, 1992).

Documentos particulares:

- 17 documentos da segunda metade do século XII à primeira do XIII. Edições: Martins (1999); Martins e Albino (1998); Martins (2001).

- 4 documentos da segunda metade do século XII. Edições: Souto Cabo (2003).

- Notícia de Torto. Edições: Ribeiro (1810); Costa (1979); Cintra (1971 e 1990); Pedro (1994); Emiliano e Pedro (2004); Castro (2006: 130-135).

- 2 documentos de Mogadouro (1253). Edições: Cintra (inédito).

- *Livro de D. João de Portel*. Edições: Azevedo (1906-1909).

Outros documentos de diversas proveniências. Edições: Azevedo (1900 e segs.); Martínez Salazar (1911); Spomer (1934); Ferro Couselo (1967); Maia (1986); Ribeiro (1994); Martins (2001); Souto Cabo (2008, 2004).

Leis locais – Foros:

- *Foros de Garvão* (1267).

- *Foros de Santarém* (cop. 1347). Edições: Garvão (1990); Rodrigues (1990).

Leis gerais e inquirições:

- *Livro das Leis e Posturas ou Livro das Leis Antigas*. Edições: PMH, *Leges*, I.

- *Inquirições Gerais de D. Afonso II de 1220*.

- *Inquirições Gerais de D. Afonso III de 1258*. Edições: PMH, *Inq.*, I e II

Traduções de textos jurídicos castelhanos:

- *Flores de Dereyto ou Flores de las Leyes de Jacobo de Junta*. Edições: Merêa (1917); Ferreira (1989); Roudil (2000: 200-297)
- *Foro Real*. Edições: Pimenta (1946); Ferreira (1987).

Textos literários:

Novelística:

- Fragmento do *Merlim*.
- *Fragmento do Livro de Tristam*. Edições: Tomé (1962).
- *Demanda do Santo Graal*. Edições: Piel (1988); Nunes (1995).
- *Livro de José de Arimateia*. Edições: Carter (1967), Castro (1984).

Nobiliários:

- *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. Edições: PMH, *Scriptores*, I; Mattoso (1980); Brocardo (2006).

Obras de espiritualidade:

- *Regra de S. Bento*. Edições: Neto (1959-1960); Castro 2006, Nunes 1922-26; Costa 2007.
- *Vida de S. Nicolau de Myra ou de Bari*. Edições: Neto (1947).
- *Vida de Cristo e de Santa Maria de Bernardo de Brihuega*.
- *Vidas e Paixões dos Apóstolos de Bernardo de Brihuega*. Edições: Cepeda (1982, 1989).
- *Diálogos de S. Gregório*. Edições: Neto (1950); Silva (1971).

Historiografia:

- *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Edições: Cintra (1951-1961).

Poesia:

- *Cancioneiro da Ajuda*. Edições: Vasconcelos (1904); Carter (1941).
- *Cantigas de Santa Maria*. Edições: Mettmann (1959-1972); Valverde (1985).

3.2.3. Séculos XIV/XV–XVII

Documentos não literários

- *Documentos notariais*. Edição: Martins (2001).
- *Cartulários – Livro Verde da Universidade de Coimbra*. Edições: Madahil (1940); Rodrigues e Veloso (1990).
- Outros: Pereira (1885-7).

Documentos literários

Prosa didática

- *Livro dos Conselhos de El-rei D. Duarte*. Edição: Castro (1998); Dias (1982).
- *Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sella*, escritos pelo senhor Dom Duarte, Rei de Portugal e do Algarve e Senhor de Ceuta. Fielmente copiados do manuscrito da Bibliotheca Real de Paris. Lisboa: na Typographia Rollandiana, 1843. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/34647/mod_page/content/17/Leal_conselheiro_e_Livro_da_ensinan%C3%A7a_d.pdf

Prosa histórica (crónicas)

- *Crónica d'el-Rei D. Duarte de Rui de Pina*. Edição: Magalhães (1914).

Poesia

- *Cancioneiro Geral*, Garcia de Resende. Edição: (1516)
- *Os Lusíadas*, Luís Vaz de Camões Edição: (1572)

Outros:

- *Vidas de Santos*. Edições Castro (1985), Cardeira (1990)
- *Virgeu de Consolação*. Edição: Veiga (1959)
- *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente*. Edição: (1562)
- *Livro da Obras de Garcia de Resende*. Edição: Verdelho (1994).
- *Orto do Esposo*. Edição: Maler (1964).
- *Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto*. Edição: (1614).

- *Carta de guia de casados*, Francisco Manuel de Melo. Texto digitalizado por Daniel Neto Rocha.
- *O escritório avarento*, Francisco Manuel de Melo. Edição: Texto digitalizado por Daniel Neto Rocha.
- *Sermões*, Padre António Vieira. Edição: Espírito Santo, Pimentel e Banza (2008, 2010).

Obras metalinguísticas

- Fernão de Oliveira (1536)
- João de Barros (1540)
- Pero de Magalhães de Gândavo (1574)
- Duarte Nunes de Leão (1576)
- Álvaro Ferreira de Vera (1631)
- João Franco Barreto (1671)

3.2.4. Séc. XVIII

Obras metalinguísticas

- D. Jerónimo Contador de Argote (1725)
- João de Moraes Madureira Feijó (1734/1739)
- D. Luís Caetano de Lima (1736)
- Luís António Verney (1746)
- Fr. Luís do Monte Carmelo (1767)

3.2.5. Séc. XIX

Obras metalinguísticas

- Soares Barbosa (1822)
- Solano Constâncio (1832)
- Gonçalves Viana (1892)

– Cândido de Figueiredo (1891)

3.3. Corpora

COLONIA – Corpus of Historical Portuguese: <http://corporavm.uni-koeln.de/colonia/index.html>

Corpus de textos antigos em português até 1525: <http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/cta/>

Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL – SIN): <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/212-cordial-sin-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects>

Corpus do Português: <http://corpusdoportugues.org>

Corpus Informatizado do Português Medieval: <http://cipm.fcsh.unl.pt>

Corpus Lexicográfico do Português (CLP): <http://clp.dlc.ua.pt/DIClweb/>

Corpus electrónico do CELGA – Português do Período Clássico: <http://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/cecppc>

Projetos CARDS – Unknown letters e FLY – Forgotten letters: <http://alfclul.clul.ul.pt/cards-fly>

Projeto Post Scriptum: <http://ps.clul.ul.pt/index.php?page=downloads>

Tesouro Dialetal do Português - TEDIPOR: <http://www.uc.pt/uid/celga/projectoscelga/TEDIPOR/TEDIPOR>

Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/>

Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega: <http://ilg.usc.es/tmilg/corpus.html>

Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/catalogo.html>

WOChWEL – Word Order and Word Order Change in Western European Languages: <http://alfclul.clul.ul.pt/wochwel/archive.html>

3.4. Outros recursos on line

Arquive.org – Digital library: <https://archive.org/details/texts>

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – Biblioteca digital - *Memória da Língua*
<http://purl.pt/401/1/lingua/lingua-lista-obras.html>

CEIA, Carlos (2010), *E - Dicionário de Termos Literários* (EDTL): www.edtl.com.pt

DT - *Dicionário terminológico*: <http://dt.dge.mec.pt/>

ETHNOLOGUE: http://www.ethnologue.com/ethno_docs/distribution.asp?by=size

FRONTESPO – *Fronteira Hispano-Portuguesa*: <http://www.frontespo.org/>

INSTITUTO CAMÕES – CENTRO VIRTUAL CAMÕES – História da Língua Portuguesa em Linha: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/index1.html>

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB) – Acervo: <http://www.ieb.usp.br/acervo/>

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>

OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA: <https://observalinguaportuguesa.org/>

PhiloBiblon: http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/search_po.html

PORTAL DA LÍNGUA PORTUGUESA: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org>

SCRINIUM: <http://www.scrinium.pt/home>

4. Anexos

4.1. Representação fonética dos sons do português

Consoantes:

[p] – Como em: *palha*, *pala*.

[t] – Como em: *tudo*, *tiro*.

[k] – Como em *cão*, *quadro*.

[b] – Como em: *bode*, *biscoito*.

[d] – Como em: *dedo*, *direito*.

[g] – Como em: *gato* *gota*.

[f] – Como em: *faca*, *folha*.

[v] – Como em: *vaca*, *vista*.

[s] – Como em: *cisne*, *saco*.

[z] – Como em: *Isabel*, *zero*.

[ʃ] – Como em: *chávena*, *bruxa*.

[ʒ] – Como em: *gente*, *janela*.

[l] – Como em: *calar*, *lado*.

[ʎ] – Como em: *calha*, *ilha*.

[r] – Como em: *cara*, *amar*.

[R] – Como em: *rato*, *carro*.

[m] – Como em: *mil*, *cama*.

[n] – Como em: *nada*, *cana*.

[ɲ] – Como em: *manhã*, *linho*.

Vogais e semivogais¹²

[i] – Como em: *p*ires, *i*magem.

[ĩ] – Como em: *i*nteiro, *i*ngo.

[e] – Como em: *d*edo, *pê*ssego.

[ẽ] – Como em: *p*ente, *e*mprego.

[ɛ] – Como em: pé, *l*eve.

[ə] – Como em: *p*epino, *e*levado.

[α] – Como em: *c*ama, *m*ata.

[ã] – Como em: *c*ampo, *lã*.

[a] – Como em: pá, *l*ado.

[u] – Como em: *t*udo, *d*oido.

[ũ] – Como em: *u*ntado, *c*umprir.

[o] – Como em: *o*vo, *p*ouco.

[õ] – Como em: *o*ntem, *dom*.

[ɔ] – Como em: pó, *l*ogo.

[j] – Como em: *p*ai, *l*ei.

[w] – Como em. *pau*, *eu*.

¹² Segmento que partilha as características articulatorias fundamentais com as vogais, não podendo, no entanto, surgir em posição de núcleo silábico, razão pela qual surge sempre junto de uma vogal, numa mesma sílaba, constituindo com ela um ditongo: ex- pau – [paw].

4.2. Evolução fonético-fonológica: alguns exemplos

(1) VĪCĒ¹³ SĪMŪM > VIGÉSIMO

[ui'kɛsimum] > [uikɛsimu] > [vikɛsimu] > [vikɛsɛmo] > [vitʃɛsɛmo] > [vidʒɛzɛmo] > [viʒɛzɛmo] > [vi'ʒɛzimu]

Legenda:

- Ø Apócope de –m de acusativo
- Consoantização de “u”
- Evolução do vocalismo
- Palatalização regressiva
- Sonorização da africada intervocálica
- Simplificação da africada
- Elevação das vogais átonas

(2) ĪMPLĒRE > ENCHER

[im'plɛrɛ] > [implɛr] > [emplɛr] > [ɛmtʃɛr] > [ɛtʃɛr] > [ɛ'ʃɛr]

Legenda:

- Ø Apócope de -e depois de consoante líquida
- Evolução do vocalismo
- Evolução de grupo consonântico PL
- Nasalização regressiva e queda da consoante nasal
- Simplificação de grupo consonântico

(3) APRĪLĒM > ABRIL

[apr'ilem] > [aprile] > [apɾil] > [abɾil] > [α'bril]

Legenda:

- Ø Apócope de –m de acusativo
- Ø Apócope de -e depois de consoante líquida
- Sonorização da oclusiva surda

¹³ Esta evolução de Ē para ɛ aberto é excepcional. Aconteceu em algumas palavras antes de i ou e, como em DĒBĒT > [devə]. Cf. Huber (1933: 59).

– Elevação das vogais átonas

(4) ABBĀTĚM > ABADE

[abbat**em**] > [abbatɛ] > [abbate] > [abbade] > [abade] > [α'badə]

Legenda:

- Ø Apócope de –m de acusativo
- Evolução do vocalismo
- Sonorização da oclusiva surda
- Simplificação das consoantes duplas
- Elevação das vogais átonas

(5) LĪNŪM > LINHO

['l**in**um] > [linu] > [lino] > [l̃o] > [liɲo] > ['liɲu]

Legenda:

- Apócope do –m de acusativo
- Evolução do vocalismo
- Nasalização regressiva e síncope da consoante nasal
- Epêntese de consoante nasal palatal para desfazer o hiato e desnasalização da vogal nasal
- Elevação das vogais átonas

(6) GALLĪNAM > GALINHA

[ga'llin**am**] > [gallina] > [gallina] > [galina] > [gal̃a] > [galɲa] > [gα'liɲα]

Legenda:

- Apócope de –m de acusativo
- Evolução do vocalismo
- Simplificação das consoantes duplas
- Nasalização regressiva e síncope da consoante nasal
- Epêntese de consoante nasal palatal para desfazer o hiato e desnasalização da vogal
- Elevação das vogais átonas

(7) ARBŎRĚM > ÁRVORE

[ˈarbɔrɐm] > [arbɔrɛ] > [arbɔrɛ] > [arvɔrɛ] > [ˈarvurɐ]

Legenda:

- Apócope de -m de acusativo
- Evolução do vocalismo
- Fricatização das oclusivas sonoras
- Elevação e centralização das vogais átonas

(8) ŎLĪVARIĀM > OLIVEIRA

[ɔliˈvariām] > [ɔlivaria] > [ɔlivarja] > [ɔlivarja] > [ɔlivajra] > [ɔlivejra] > [ɔlivejra] > [ɔliˈvajra]

Legenda:

- Apócope de -m de acusativo
- Semivocalização de i em hiato
- Evolução do vocalismo
- Metátese
- Assimilação dos elementos do ditongo
- Elevação das vogais átonas
- Dissimilação em ditongo instável

(9) LĒCTŪM > LEITO

[ˈlɛktum] > [lɛktu] > [lɛkto] > [lejto] > [lejtu] > [ˈlɔjtu]

Legenda:

- Apócope de -m de acusativo
- Evolução do vocalismo
- Semivocalização do primeiro elemento de um grupo consonântico, KT
- Elevação das vogais átonas
- Dissimilação dos elementos de um ditongo instável

(10) PĚRSĪCŪM > PĚSSEGO

[ˈpersikum] > [persiku] > [perseko] > [pesseko] > [peseko] > [peseɡo] > [ˈpesəɡu]

Legenda:

- Apócope de –m de acusativo
- Evolução do vocalismo
- Assimilação do grupo consonântico RS>SS
- Simplificação da consoante dupla SS>S
- Sonorização da oclusiva surda
- Elevação e centralização das vogais átonas

4.3. Evolução morfo-sintáctica: alguns exemplos

- Os **possessivos femininos**, com duas séries, tónica e átona (*mia, mĩa, minha; tua; sua/ma; ta; sa*) no Português antigo: “Mandouos que dedes a don viualdo as **mhas**/ casas”, “que as tena em prestamo de mj en **sa** uida” (cf. Chancelaria de D. Afonso III, doc. 11. Banza 1992: 237); “dou ende a esses pobradores/ de Taura e de seus termhos esta **mha** Carta aberta” (Chancelaria de D. Afonso III, doc. 14. Banza 1992: 247), perdem a série átona no Português médio: “E a nosso senhor deos, em grande mercee terria se de **mjnha** uida feitos e dictos muytos filhassem proveitosa ensinança” (cf. O Leal Conselheiro, 1843: 2), sendo as formas actuais derivadas da série tónica.
- O **sistema dos demonstrativos e advérbios de lugar** vigente no Português antigo e médio (*este, esse, aqieste, aquele; aqui, ali, acá, alá, acó, aló*): “E nos...fizemos **aquesta** carta de nosso séelo séélar” (cf. Chancelaria de D. Afonso III, doc. 9. Banza 1992: 231); “que filẽ **aque**l uio que leua **aque**l omẽ ou **aque**la moler. e que uáám aly hu uẽdẽ **aque**l vio de furto” (cf. Chancelaria de D. Afonso III, doc. 13. Banza 1992: 244); “E aquestes bem me pezeria que o nom lessẽ...” (cf. O Leal Conselheiro, 1843: 5) estabiliza, no Português clássico, nas formas actuais (*este, esse, aquele; aqui, aí, ali; cá, lá*): “Que são **esses** pedaços de Termas, e Colisseus, senão os ossos rotos, e troncados **desta** grande caveira?” (cf. Sermão de quarta-feira de cinza. Espírito Santo, Pimentel e Banza (2008: 78).
- Os **anafóricos “hi” e “ende”**, típicos do Português antigo: “En o teste-/muyo da qual cousa dou **ende** a esses pobradores/ de Taura e de seus termhos esta **mha** Carta aberta” (cf. Chancelaria de D. Afonso III, doc. 14. Banza 1992: 247); “e

partimos assi cū elle perdante muytos homéés bóós que **y** stauã presentes” (cf. Chancelaria de D. Afonso III, doc. 4. Banza 1992: 206) desaparecem no Português médio.

- Os **nomes e adjectivos terminados em -L**, que, no Português antigo, se mantêm no singular, em posição final, mas cai no plural, em posição intervocálica, criando um hiato: “Porque os oméés sum mortaes... e cū todos aqueles dereytos reaes” (cf. Chancelaria de D. Afonso III, doc. 12. Cf. Banza 1992: 238-239), evoluem para ditongos a partir do Português médio.
- **Algumas formas diferentes das actuais** no Português antigo (ex. linhagem (m.), planeta (f.), senhor (invar.), firme (m. e f.), pecador (unif.) começam, no Português médio, a aproximar-se do uso actual: (linhagem (f.), planeta (m.), senhor/senhora, firme (invar.), pecador/pecadora.
- A ênclise, maioritária no Português antigo: “Em outra parte mãdouos que l’entreguedes a outra mha casa...” (Chancelaria de D. Afonso III, doc. 7. Banza 1992: 220 “E deploys morte desse don viualdo essas casas tornêsse a my ou meus sucessores” (*Idem.* Banza 1992: 221), é substituída por uma progressiva afirmação da **próclise** como maioritária na oração principal no Português médio e clássico: “Agora **se** seguia o Político [...] o Seu mesmo texto **o** diz” (cf. Sermão do S.S. Sacramento. Espírito Santo, Pimentel e Banza 2008: 118), voltando a ênclise a afirmar-se como maioritária no Português moderno.
- No sistema verbal:
 - a) os **participios em -udo** (nos verbos da segunda conjugação), típicos do Português antigo: “ e por tâto ly damos nossa carta séélada de nosso séélo/pendente que seiã **creudos**”. (Chancelaria de D. Afonso III, doc. 16. Banza 1992: 251); “Porẽ seus juizos sobre taaes leituras nõ deuem seer **creudos**” (cf. O Leal Conselheiro, 1843: 5) fundem-se, no Português clássico, com os da terceira conjugação, em *-ido*: “...porque ficou enganado, despojado, perdido [...] de sorte que o Demónio ficou vencido...” (cf. Sermão do S. S. Sacramento. Espírito Santo, Pimentel e Banza 2008: 120).
 - b) o **-d- conservado nas formas da segunda pessoa do plural**, típicas do Português antigo: “Mandouos que **dedes** a don viualdo...”, “vnde/ al non **façades**” (cf. Chancelaria de D. Afonso III, doc. 11. Banza 1992: 237); Senor **sabhades** que nos enuíamos a uos/ Saluador domingo e Martĩ paez [...] qual **dades**/ ahos do Mogadoyro” (cf. Chancelaria de D. Afonso III, doc. 16. Banza 1992: 251); perdem-no no Português médio, resultando daí, primeiro um hiato

e, depois, um ditongo: “Porende diz seneca **tiraae** as [...]cusaçoões alguẽ non erra per força (cf. O Leal Conselheiro, 1843: 25); “...por todo o mal que me fazees e dizees... (*idem*, 1843: 48).

- c) a **segunda pessoa do plural**, usual no Português antigo e até ao Português clássico: “A **uos** Pedro fernandiz meu/ Almoхарife e aos meus escriuaes de Lixboa sau-/de” (cf. Chancelaria de D. Afonso III, doc. 11. Banza 1992: 237); “Para os semeadores, isto são glórias: mirrados si, mas por amor de **Vós** mirrados; afogados si, mas por amor de **Vós** afogados; comidos si, mas por amor de **Vós** comidos; pisados, e perseguidos si, mas por amor de **Vós** perseguidos, e pisados” (cf. Sermão da Sexagésima. Espírito Santo, Pimetel e Banza 2008: 25), cai em desuso no Português moderno, mantendo-se apenas a nível dialectal, nos dialectos setentrionais (ex. vós achais > vocês acham).
- d) a **mesóclise no futuro e no condicional**, que ainda se encontra muito presente no Português clássico: “Olha, Roma, daqui para baxo, e **ver-te-ás** caída, e sepultada debaxo de ti: olha, Roma, de lá para cima, e **ver-te-ás** levantada, e pendente em cima de ti” (cf. Sermão de quarta-feira de cinza. Espírito Santo, Pimentel e Banza 2008: 77), restringe-se, no Português moderno, a registos formais no modo de representação escrito.
- e) o **futuro (ex. cantarei) e outros tempos, como o condicional (cantaria) e o mais que-perfeito simples (cantara)**, ainda muito comuns no Português clássico: “Se os homens **comungaram** a Cristo, **foram** como Deus” (cf. Sermão do S.S. Sacramento. Espírito Santo, Pimentel e Banza 2008: 118), ficam quase totalmente confinados à escrita e a registos mais formais no Português moderno.

4. 4. Evolução léxico-semântica: alguns exemplos

a) Arcaísmos (Português Antigo e Médio)

- proe ‘em prol’ (...a **proe** de mia molher e meus filhos, *Testamento de Afonso II*, 1214: parágr. 1)
- guisa ‘maneira, modo’ (...“do Portu e o de Lixbona e o de Coïbria e o de Uiseu e o d’Eurora fazã desta **guisa**”...*Testamento de Afonso II*, 1214: parágr. 9-10). De provável origem germânica, esta palavra ainda tem uso na língua literária ou em registos formais/especializados.
- revora ‘a idade da emancipação’ (“E dos q(ue) **reuora** nõ ouuerẽmãdo q(ue) lis teniã seu auer até q(uan)do agiã **reuora**”...*Testamento de Afonso II*, 1214, parágr. 17).

- reposte ‘casa para guardar móveis, conjunto dos móveis guardados nesse guarda-móveis “mia reposte” (*Testamento de Afonso II*, 1214: parágr. 27). A unidade tem origem controversa.
- filhar ‘tomar, colher, apanhar’ (“...filhão folgança de a fazer e falarem nela”, Dias (1982: D. Duarte, *Livros dos Conselhos*, 1423-1438: 22 vº).

b) Formação de palavras: sufixação, prefixação

- Em particular, no Português Médio – sufixo -ança: “**Ensinança** de bem cavalgar toda a sela” (D. Duarte); “No beber fazee poer **temperança** em uosa casa...” (Dias, 1982: D. Duarte, *Livros dos Conselhos*, 22 vº), “...e outras çerimonyas que acustumão os que em esta golodiçe filhão folgança de a fazer e falarem nela...” (Dias, 1982: D. Duarte, *Livros dos Conselhos*: 22 vº); “...das sete princypaes **ensynanças** de prudencia...”; “Da **governança** da sages prynçesa que fyca vyuuu” (Pisan, *Espelho de Cristina*, 1518); sufixo -mento – “por nosos conselhos e **auysamentos**...”, “...non derrynado nem tocado daquel **faleçimento**...” (Dias, 1982: D. Duarte, *Livros dos Conselhos*, 22 vº), “Esseu principal **ensinamento** he amar e temer a deos” (Pisan, *Espelho de Cristina*, 1518: Cap. I).
- Desprazer ‘não agradar’ (des- + prazer): “E podera acontecer que a sua mesma senhora **desprazera** de sua partida” (Pisan, *Espelho de Cristina*, 1518, Cap. XXV, fol. XXII).

c) Latinismos – decalque de formas latinas que enriqueceram os mais variados campos semânticos da língua literária, em todos os períodos da história da língua, embora este processo tenha sido mais frequente devido ao Humanismo renascentista. Embora hoje se discuta se houve efectiva ‘latinização’ (a partir de textos latinos) ou se a maioria desses “cultismos” terá entrado por via castelhana (Venâncio 2014), aos *Lusíadas* (1572) dever-se-á seguramente a introdução dos seguintes, alguns dos quais são hoje usados na oralidade e em registos menos formais (*válida*, *nítido*).

- *canoro, fatídico, grandiloquo, estridente, fêrvido, nítido, ovante, plúmbeo, sibilante* (*Lusíadas*)
- Numa só estrofe (*Lusíadas*, V, 39): *robusta, válida, disforme, esqualida*.
- Superlativos sintéticos em -íssimo (decalque do modelo latino): “Da qual liberalidade & magnificencia nam carece ho genero feminino, (ainda que comumente afirmem que a molheres sam **auarissimas**”, *Dos priuilegios & praerogativas Ø ho genero feminino tẽ* (...), 1557: 19); “...e tudo feito em

pedaços de ouro veo a Portugal riquissimo” (Gonçalo Fernandes de Trancoso, *Contos & Histórias de Proveito & Exemplo*, 1576: 2ª Parte, 2v.).

d) Inovação lexical/empréstimos

- Do francês

- Sage ‘que tem sabedoria, discrição, prudência’ (“...como **assages** princesa se auera acerca dos parêtes de seu marido”, Pisan, *Espelho de Cristina*, 1518: Cap. XIII). Em registos mais cultos ou formais do Português actual, ainda se usa um derivado de sage “sageza” (‘sabedoria’).
- Conjuntura – “He tomado do Francez Conjuncture. He o estado dos negócios, boa, ou má disposiçaõ delles” (R. Bluteau, *Vocabulario*, com atestação na *Gazeta de Lisboa*, 1720, *Apud*, Villalva & Silvestre, 2014: 43)
- Felicitar ‘dar parabéns’ - “Neste sentido he tomado do francez Feliciter, e começa de ser usado em Portugal” (R. Bluteau, *Vocabulario*, com atestação na *Gazeta de Lisboa*, 1722, *Apud*, Villalva & Silvestre, 2014: 43)

- Do castelhano

Entre as muitas atestadas na lexicografia portuguesa, refiram-se, a título de exemplo, as seguintes palavras: boçal, bulha, cavalheiro, façanha, gatuno, modorra, palmilha, rodilha, tejadilho.



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



• UNESCO Chair in Intangible Heritage
• and Traditional Know-How: Linking Heritage
• University of Évora

ISBN 978-989-99442-6-8